

1919

Estab. Graphico «JOAQUIM AUGUSTO»
São Carlos

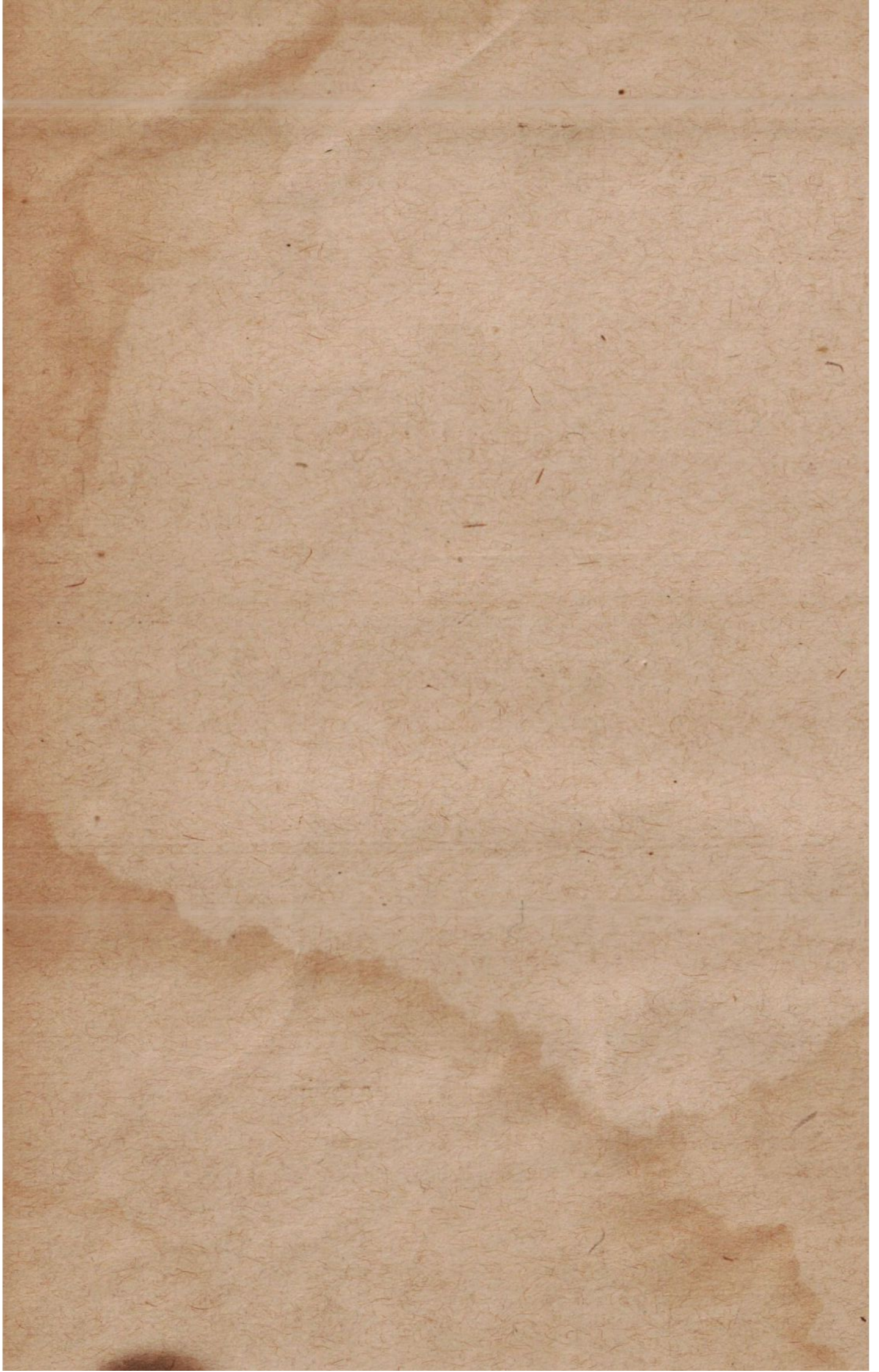
Revista

da Escola Normal de S. Carlos

Propriedade e redacção do corpo docente

SUMMARIO

- **CARLOS DA SILVEIRA** *Culto Civico*
Da 11a. cadeira
- EZEQUIEL DE MORAES LEME** *Geographia e o seu ensino*
Da 9a. cadeira
- DOMINGOS DE VILHENA** *O ensino da lingua franceza
em nossas Escolas Normaes*
Da 3a. cadeira
- JOÃO TOLEDO** *Aprendizado activo*
Da 12a. cadeira
- DAGOBERTO SALLES.** *A Republica no Brasil*
Da 10a. cadeira
- A. PROENÇA** *Ensino primario*
Da 13a. cadeira
-



Expediente

—Publica-se esta revista duas vezes por anno.

-- Só se incluem nella trabalhos inéditos.

—A graphia é a dos respectivos collaboradores, unicos responsaveis pelas idéas que emittirem.

—Toda a correspondencia deve ser dirigida á Commissão de Redacção da Revista da Escola Normal—São Carlos

— Estado de São Paulo — BRASIL.

Experiments

The following experiments were performed in the laboratory of the University of Cambridge, England, during the year 1912-1913. The results are given in the following tables.

Table I. Results of the first series of experiments.

Time (min)	Temperature (°C)	Volume (cc)
0	20.0	10.0
10	20.5	10.5
20	21.0	11.0
30	21.5	11.5
40	22.0	12.0
50	22.5	12.5
60	23.0	13.0
70	23.5	13.5
80	24.0	14.0
90	24.5	14.5
100	25.0	15.0

Table II. Results of the second series of experiments.

Time (min)	Temperature (°C)	Volume (cc)
0	20.0	10.0
10	20.5	10.5
20	21.0	11.0
30	21.5	11.5
40	22.0	12.0
50	22.5	12.5
60	23.0	13.0
70	23.5	13.5
80	24.0	14.0
90	24.5	14.5
100	25.0	15.0

CULTO CIVICO

Conferencia realizada no *Polytheama* de Araraquara, no dia 7 de Setembro de 1918, por incumbencia da Liga Nacionalista.

Exas. Sras. e Srs.

UM POUCO DE HISTORIA

Conheceis de sobra os antecedentes do acto de 7 de Setembro de 1822 : as explosões de liberdade que se tinham dado principalmente quando da Inconfidencia Mineira e da Revolução Pernambucana de 1817—constituem prova segura e incontestada do estado adiantado do espirito separatista dos brasileiros, nos fins do século XVIII e começos do XIX.

Já na manhã de 26 de Abril de 1821, hora do regresso de D. João VI para Portugal, ao abraçar, pela ultima vez, o principe D. Pedro, dissera-lhe El-rei seu pae : «Pedro, o Brasil brevemente se separará de Portugal ; se assim fôr, põe a coroa sobre a tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão della.»

Depois, os acontecimentos precipitam-se. Uma representação de mais de 8.000 assignaturas determina a scena memoravel de 9 de Janeiro de 1822, em que José Clemente Pereira repete, de uma das janellas do paço, em voz alta, as palavras do principe : «Como é para bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico.»

Era já o anno feliz, o anno de 1822, e, comtudo, quantos acontecimentos notaveis entre o dia do «Fico» e o dia do Ypiranga ! A repulsa energica á famigerada *divisão* portuguesa *auxiliadora*, as sobrias medidas de José Bonifacio de Andrada e

Silva, de 16 de Fevereiro, e o Decr. de 21 do mesmo mez (do «Cumpra-se»), a não permissão do desembarque aos soldados trazidos pela esquadra de Maximiano de Souza; as lutas na Bahia que só tiveram desfecho com José Joaquim de Lima e Silva, a 2 de Julho de 1823, e nas quaes tanto distinguio a heroína Maria Quitéria dos Reis Medeiros; a acção do povo em Pernambuco; a imminencia de desordens em Minas-Geraes, são factos interessantissimos que enchem de sobresaltos a alma nacional daquelles tempos.

Mais. Reagindo contra Portugal, a 13 de Maio o principe acceta o titulo de «Defensor Perpétuo do Brasil» que o povo lhe offerecia. Vem após a constituinte de 3 de Junho; Julho e Agosto são cheios de medidas organizadoras do futuro Estado que dentro em pouco se irá constituir. A *bernarda de Francisco Ignacio*, em São Paulo, havia criado tal situação que D. Pedro resolveu partir para alli, em 14 de Agosto. Serenados os animos com o pleno exito da missão que o levára áquella Cidade, partiu o principe para Santos, a 5 de Setembro, lá se demorando um dia.

Vejamos como o Cel. Manoel Marcondes de Oliveira e Mello, testemunha de vista, refere o regresso, no dia 7 de Setembro: «Não partimos de Santos pela madrugada, mas sahimos cedo. Montava D. Pedro uma possante besta gateada, sendo menos verdadeira a noticia mais tarde dada pelos jornaes, de que vinha em ardoroso cavallo de raça mineira. Em toda a viagem mostrava-se S. A. muito satisfeito e expansivo. Trazia ao seu lado o padre Belchior Pinheiro, com quem mantinha animada conversação. Já havíamos subido a serra quando D. Pedro precisou parar e apear-se. Observou-nos então que melhor seria a Guarda seguir adiante e esperá-lo na entrada de São Paulo, se antes não fossemos por elle alcançados. Effectivamente, ahí o deixamos, passando a caminhar como havia sido determinado. Chegando ao Ypiranga, sem que ninguem apparecesse, fiz parar a Guarda junto a uma casinhola que ficava á beira da estrada, á margem daquelle riacho. Para prevenir qualquer surpresa, mandei o guarda Miguel de Godoy, que era dos mais moços, collocar-se de atalaia em um lugar de onde pudesse descobrir a aproximação do Príncipe, para nos avisar com tempo de nos pormos em forma e escoltá-lo á entrada da Cidade. Tomando esta providencia, apeamo-nos e puzemo-nos a descansar, conforme era natural. Pouco tempo, porém, tinha decorrido, quando vimos chegar, dirigindo-se para o nosso lado, dois viajantes, que logo reconhecemos serem pessoas de consideração. Eram Paulo Bregaro, official da Secretaria do Supremo Tribunal Militar e o Major Antonio Ramos Cordeiro, os quaes, a mandado de José Bonifacio, vinham do Rio apressadamente, procurando D. Pedro para lhe

fazerem entrega de papeis de muita circumstancia. Não podia este encontro deixar de impressionar a todos, curiosos por sabermos do que era que se tratava. Apesar, porém, dos repetidos e importunos pedidos de informações dirigidos aos emissários, na occasião nada mais conseguimos saber, senão que ao Rio havia chegado um navio trazendo despachos das Côrtes de Lisboa, dos quaes entendeu o ministro dever dar conta immediatamente a D. Pedro. Isso tudo passou-se em poucos momentos, continuando os viajantes a sua marcha ao encontro de D. Pedro e ficando nós anciosos por sabermos do motivo que determinava tanta pressa. Enquanto alli nos demorámos, formaram-se varios grupos, onde todos faziam suas conjecturas, procurando cada qual adivinhar o que seria. E é preciso deixar consignado, para honra daquelles rapazes, que, embora naquelle tempo se falasse muito no desembarque de forças portuguezas nas costas do Brasil, ninguem se mostrou assustado. Poucos minutos poderiam ter passado depois da retirada dos referidos viajantes, e eis que percebemos que o guarda que estava de vigia vinha apressadamente em direcção ao ponto em que nos achavamos. Compreendi o que aquillo queria dizer, e immediatamente mandei formar a Guarda para receber D. Pedro, que devia entrar na Cidade entre duas alás. Mas tão apressado vinha o Principe, que chegou antes que alguns soldados tivessem tido tempo de alcançar as sellas. Havia de ser 4 horas da tarde mais ou menos. Vinha o Principe na frente. Vendo-o voltar-se para o nosso lado, sahimos ao seu encontro. Diante da Guarda, que descrevia um semi-circulo, estacou seu animal, e de espada desembainhada bradou:— Amigos! Estão para sempre quebrados os laços que nos ligavam ao governo portuguez! E nos toques que nos indicam como subditos daquella nação convidovos a fazerdes assim: E, arrancando do chapéu que alli trazia a lita azul e branca, a arrojou ao chão, sendo nisso acompanhado por toda a Guarda, que, tirando do braço o mesmo distinctivo, lhe deu igual destino. Viva o Brasil livre e independente!—gritou D. Pedro. Ao que, desembainhando tambem nossas espadas, respondemos: Viva o Brasil livre e independente! Viva D. Pedro, seu defensor perpetuo! E bradou ainda o Principe:—Será nossa divisa de hora em diante — *Independencia ou morte!* Por nossa parte, e com o mais vivo enthusiasmo, repetimos: *Independencia ou morte!*» (1)

Estava, pois, proclamada a independencia do Brasil: faz isso 96 annos.

(1) Parte I do Tomo Especial da «Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras.—De D. João VI á Independencia», pelo Dr. João Marcondes de Moura Romeiro.

VERSOS MAGNIFICOS E CIVISMO DE OPTIMO QUILATE UM POETA SEMEADOR E OS FRUCTOS JA' COLHIDOS

Sabeis já em que consiste a Liga Nacionalista de São Paulo: é um dos fructos opimos brotados do verbo facundo de Olavo Bilac, o maior moço brasileiro, quando, novo Pedro o Eremita, julgou azado o momento de falar á juventude da veneranda Academia de Direito de São Paulo, apontando-lhes a elles, estudantes, esperanças do Brasil, um rumo novo, uma trilha mais segura e nobre; acenando-lhes a elles, cidadãos de uma Patria mais bella e mais rija, o Brasil de amanhã, para um ideal de grandezza e força, de harmonia e justiça — ideal que parecia estar morto, de há muito, na alma brasileira.

Falou o poeta excessivo, com o calor e o enthusiasmo que só as grandes convicções soem dar. Elle também, artista magnifico da palavra, filho dilecto de Polymnia, surde á frente dos problemas de interesse maximo para a vida da Nação; mas o seu lavrar foi um trabalho intenso e fecundo, num verbo quente e decisivo, mixto de rugidos e arrulhos, de ribombos e gorgeios, gesto vehemente cujos resultados ultimos só se hão de aferir pelo mais notavel avançar de um povo bom, intelligente e forte que, a meio caminho do vicio e da derrocada, fincou pé e reagiu, viril e esforçadamente, tornando ao regime da ordem e do progresso de que se afastára por largos annos.

O discurso daquelle que, entre tantas joias incomparaveis produziu a obra-prima que é o «Caçador de Esmeraldas», discurso celebre de 9 de Outubro de 1915 aos moços da Faculdade de Direito de São Paulo, bem assim toda a serie feita na peregrinação pelo Sul, foram como a boa semente lançada em terra fertil e proproductiva. Desvendou-se a mazela, desfez-se a miragem, a voz de Cassandra venceu o canto da Sereia: vida nova lateja de Norte a Sul, e de Leste a Oeste. Aclara-se a situação. As responsabilidades se affirmam e todo o mundo toma consciencia do seu papel. Os altos problemas nacionaes são postos em foco, discutidos, precisados: ninguem se acanha em proclamar os males que nos affligem, em perscrutar-lhes as causas; ninguem se atemoriza em sondar o futuro proximo nada risinho senão assás áspero e tudo isso com uma sinceridade e uma segurança taes que o scepticismo se torna impossivel. Não há duvida que o Brasil de hoje prepara-se para um surto porventura muito mais brilhante e rapido do que se pode imaginar.

Bemdito o poeta-semeador, bemdita a terra promissora, bemdita a semente de que brotarão messes fartas e incalculaveis...

PROGRAMMA DE PATRIOTISMO E SABEDORIA, EM VIAS DE EXECUÇÃO

Cumprindo um programma de sabedoria e patriotismo, a «Liga Nacionalista de São Paulo», a que tenho a honra de pertencer, houve por bem designar-me para vir a esta formosa, rica e progressista Cidade, prègar a palavra da Patria na data commemorativa do nonagesimo sexto anniversario da Independencia Nacional. Não havia como recusar obediencia á ordem recebida (os soldados não discutem ordens), embora sabendo com certeza que só uma palavra desataviada poderia ecoar entre vós; para convenientemente falar-vos da Patria, haveria mister linguagem sonora e verbo empolgante de oratoria inflammada: conceitos suaves como sopro de brisa e alacres como o arroio das campinas em serpenteios gráceis e em donaires de talhe esbelto, ou então fulgurantes na magestade do seu brilho intensivo e fragorosos como as aguas das torrentes a se despejarem estuantes em catadupas estrepitosas, maravilhas do globo terraqueo.

Nada disto. Trouxe, sim, uma ordem a cumprir: bem ou mal aqui estou para tomar parte convosco neste acto de culto civico que ora realizamos.

No desempenho do plano estabelecido, onde se estatue, entre outras coisas, a commemoração das datas nacionaes, a «Liga Nacionalista de São Paulo» procura disseminar, da mais ampla maneira, um conjuncto de ideas sãs e fuctuosas, de elevados fins patrióticos, tendendo ao augmento da nossa cultura civica. Convido-vos, pois, meus caros patricios, a verificardes num exame de consciencia muito sincero, o grau da vossa propria educação civica para, com os resultados desse exame, ir, cada um, tentando attingir a perfeição almejada, quotidianamente, passo a passo, sem desanimos e sem tergiversações. Tal perfeição é um ideal (todo ideal é «um gesto do espirito para alguma perfeição»); (2) mas assim como ninguem progride na economia sem conhecer os saldos *pro* ou *contra*, assim também pessoa alguma aperfeiçoar-se-há na cultura civica, se desconhecer o estado dos seus sentimentos e das suas ideas e o valor dos seus actos civicos.

As reuniões desta natureza são o momento propicio para todos os filhos desta Grande Terra brasileira confrontarem as suas tendencias egoisticas com as suas tendencias altruisticas, e hoje, dia da Independencia, eu vos concito a realizardes esse trabalho para que possaes estar ao par dos vos-

(2) José Ingenieros — «El hombre mediocre».

ses sentimentos relativamente á Patria, ao nosso amado Brasil. Mesmo porque, affirmou-o o poeta: «O verdadeiro patriotismo não é o amor dos negocios rendosos que no seio da Patria podem dar a riqueza e a independencia; não é a interessada gratidão pelas honrarias que dentro della se podem grangear; não é tambem o embevecido extase, ingenuo o fútil, diante da belleza das suas paizagens, do esplendor do seu céu, da uberdade do seu solo. E' sim, um amor elevado e austero, que reconhece os defeitos da Patria,—não para amaldiçoá-los ou para rir delles, mas para perdá-los, estudá-los e corrigi-los; é um amor que se enraza mais no meio moral do que no meio physico, e vae procurar a seiva nutritiva no âmago longinquo do passado, no sacrosanto humus das origens da raça, da lingua, da historia, e no padecimento obscuro, apagado, anónimo das gerações que antes da nossa viveram, suarar e penaram na terra que servimos e adoramos! Este é o patriotismo com que deveis de ora em diante honrar a vossa terra.» (3)

CRENTES E SACERDOTES DA RELIGIÃO DA PATRIA

E' bem verdade, illustrado auditorio, que há uma religião da Patria a qual se constitue, como todas as religiões, dos dois elementos essenciaes: deas patrioticas e sentimentos patrioticos. Assim como nas religiões o elemento intellectual (ideias, dogmas, crenças) soffreu uma evolução do manípulo ao monothéismo, assim tambem o elemento intellectual na religião da Patria passou da idolatria patriótica á idea de união necessaria, como ponto de transição para um ideal verdadeiramente christão—de fraternidade universal — a Grande Patria humana. Em quaesquer outras religiões, o elemento emotivo, constituido pela emoção do crente quando pensa nas proprias crenças ou quando participa das ceremonias cultuaes pelas quaes ellas crenças se exprimem, tem evoluído do médio grosseiro e do agrado tendencioso á alta moralidade, ao ideal moral, synthese que é das inclinações superiores—o amor do bem, do verdadeiro e do bello; mas não é plausivel negar que, na religião da Patria tambem, o elemento emocional purifica-se aos poucos, e basta attender hoje um instante ao sentimento patriótico para descobrir que é elle constituido, nas sociedades civilizadas, dos seguintes factores:

(3) Bilac—Conf., Instr. e Patriot.

- | | |
|-----------------|---|
| Corpo da Patria | <ol style="list-style-type: none"> 1. communhão de raça ; 2. » » lingua ; 3. accôrdo de interesses economicos ; 4. posse de um territorio nacional geographicamente determinado |
| Alma da Patria | <ol style="list-style-type: none"> 5. communhão dos sentimentos, das ideas e dos costumes ; 6. consentimento deliberado e livremente querido dos individuos para constituirem uma Patria. |

Toda a religião tem as suas ideas geraes, os seus dogmas : nos cidadãos de uma Patria existem outrosim ideas geraes, verdadeiros dogmas. Em qualquer religião há prègações em beneficio dos interesses della ; porventura não se fazem muitissimas prédicas patrioticas no Paiz inteiro e frequentemente ? Nas religiões os crentes oram e cantam hymnos e teem as suas imagens : na religião da Patria, do mesmo modo,—e que belas craqões ! Haverá quem desconheça a «Oração á Bandeira», de Bilac, e outras invocações ardentes e entusiasticas ? E os canticos patrioticos e os hymnos nacionaes, e a bandeira, e os grandes vultos perpetuados pela esculptura e pela pintura principalmente ? Em todas as religiões se cogita da vida futura e na religião da Patria o futuro é largamente considerado. O papel protector da divindade é muito largo, nas religiões, e esse papel é manifesto, na religião da Patria, nas multiplas formas de auxilio que o Estado presta ao individuo. Nas religiões o crente encontra o socorro material e moral no conforto das casas de caridade e da palavra do sacerdote : na religião da Patria há variados meios de assistencia individual e social. Nas religiões o crente coopera para o culto e dá outras contribuições, e acha com que satisfazer as proprias necessidades estheticas e intellectuaes : o mesmo se observando com o filho de uma terra, quanto á sua Patria. Nas religiões a união dos crentes, o seu convivio determina uma exaltação de sentimentos á vista do contagio que se estabelece de um crente para outro : na religião da Patria igualmente ; as religiões teem as suas igrejas, os seus padres : a religião da Patria, de igual maneira, apresenta os seus templos, os seus sacerdotes.

Toda religião se manifesta, se exterioriza pelo ceremonial, pelo culto, pelos symbolos e quem não conhece o ritual civico, com as commemorações das grandes datas nacionaes, verdadeiros dias-santos da Patria ? E que acto mais religioso do que o culto dos heroes, cujo exemplo maximo nós temos nos E. E. U. U. da America do Norte, na veneração profunda e admiravel

a Jorge Washington e Abrahão Lincoln? Alli mais do que em retratos e em estatuas, há a gratidão eterna pelos grandes vultos cujos nomes se gravam na memoria das gerações successivas em letras que nunca mais se apagam. Nós também temos as nossas figuras tradicionaes, os nossos heroes: deixará de haver em cada alma de brasileiro um altar a José Bonifacio, Tiradentes, Ozorio, Gonçalves Dias, Rio Branco filho, Oswaldo Cruz, para só referir seis nomes? E os hymnos nacionaes e canticos patrioticos que outra coisa representam senão as musicas sagradas do patriotismo? E os actos de culto civico como este que estamos praticando, neste bello edificio, improvisado templo da religião da Patria? Mas, templos dessa religião também são as escolas que educam e instruem pela verdade e para a verdade, os lares puros das familias, das fabricas, os quartéis (escolas de civismo), as officinas, os campos nos quaes labuta o agricultor, as sociedades de tiro, o escotismo, e todo o lugar onde, pelo trabalho honesto e digno, procurar-se erguer mais alto ainda o nome do Brasil. Falei-vos em culto: e quem se não lembra de ter presenciado já esse extraordinario culto á Bandeira Nacional que, realzado pela primeira vez em São Paulo, na Escola Normal, em 19 de Novembro de 1904, por iniciativa do Sr. Dr. Oscar Thompson, irradiou logo por todo o Paiz, tal a belleza e poder de emotividade?

Disse acima que o sentimento religioso havia evoluído para a alta moralidade; hoje em dia os sermões são prédicas moraes quasi só. Pois bem, ainda ahí nós sentimos a existencia de uma religião da Patria — visto existir igualmente uma moral civica que, como toda a moral, importa seja divulgada para regular os deveres do cidadão. Aliás, ter educação civica não é sómente conhecer, philosophicamente, a Patria, ou senti-la ardentemente. Nem tão pouco praticar, apenas, o culto externo. Isto, sem mais nada, nos levaria á idolatria. Mas é, sobretudo, essencialmente, ter o habito de praticar a moral civica. Muita gente há, que sabe discorrer com profundeza sobre o civismo, mas não pratica os actos que todo o cidadão deve praticar; nisso consiste a differença entre instrucção civica e educação civica: não ha educação civica sem actos civicos, sem a pratica sincera e consciente do civismo.

Seja o individuo boçal ou seja altamente culto, se não agir de accordo com a moral civica, não pode merecer o titulo de cidadão; é, sim, um mau patriota; será, quando muito, um declamador-patriotico.

E essa moral civica pode compendiar-se em um codigo de dez mandamentos que a «Liga Nacionalista» vos apresenta por meu intermedio:

PRIMEIRO MANDAMENTO

Amae a liberdade !

A liberdade não é a licença, mas o poder de acção dentro da Lei. Obedecer á Lei é o dever máximo do cidadão e tal obediencia constitue não uma baixeza, um acto de servilismo, mas uma prova de cultura superior e de alta comprehensão da vida social. Não pode haver liberdade fora dos limites da Lei: todas as grandes luctas em prol da liberdade só attingem resultado proveitoso quando a disciplina social é forte e quando a fôrça da Lei se mantem. As conquistas liberaes inglesas da *Magna Charta* (1215) e da *Gloriosa revolução* de 1688 comprovam o asserto. Quando os revolucionarios franceses de 1789, sedentos de liberdade, entraram a agir sem respeito aos proprios principios estatuidos a 20 de Agosto de 1789 na famosa *Declaração dos direitos do homem e do cidadão*, elles, revolucionarios, cegos pela paixão libertaria, commetteram toda a sorte de crimes e criaram uma situação tal que a historia baptisou com o nome de *era do terror*. Mme. Roland tinha bem o direito de proferir as celebres palavras: «O' liberdade, quantos crimes se commettem em teu nome!». A lição da historia de todos os povos, a observação quotidiana e, por exemplo, os casos que se passam na Russia actualmente, constituem provas reaes de que a liberdade só pode existir dentro da Lei, dentro da disciplina social. O que não fôr isso, é mera illusão.

SEGUNDO MANDAMENTO

Defendei a Patria !

A defesa da Patria demanda tres cousas :

1.^a o preparo militar, que será feito nos quartéis assim como nas sociedades de tiro e ainda nas escolas; é a educação do soldado, mister, imprescindivel a toda Nação que não quizer perecer. Disse-o com intuição clara o sr. presidente Dr. Altino Arantes, algures, que nós todos brasileiros saberíamos morrer com bravura e gloria no campo de batalha, mas que não se tratava de morrer e sim de vencer. Memoraveis palavras que todos os brasileiros devem sempre ter presentes ao espirito e que jamais deverão olvidar.

2.^a a saúde e o vigor do homem como materia prima, que é, dos exercitos. Quando um povo é forte e robusto, pode criar em tempo relativamente limitado, um exercito respeitavel. Ahi tendes a Inglaterra e os E.E.-U.U. com a extraordinaria

criação de um poder militar assombroso, e porque? Pela simples razão da robustez physica do homem. Entre nós, viviamos todos na ilusão da saúde... Os estudos dessa admiravel escola de trabalho, patriotismo e disciplina que é o Instituto de Mangueiras, officina magnifica que honra ao genio organizador de Oswaldo Cruz e a toda uma pleiade de companheiros e discipulos do pranteado sabio, vieram restabelecer a verdade; Arthur Neiva, Belisario Penna, Lutz, Astrogildo Machado, Gaspar Vianna, Carlos Chagas e outros verdadeiros patriotas abriram os olhos do povo apresentando-lhe, sem reboços, uma tristissima situação de miseria e de dôr que é preciso seja conhecida de todos e em toda a extensão para ser convenientemente corrigida. Quando o eminente clinico Dr. Miguel Pereira em saudações ao Dr. Carlos Chagas e ao Dr. Aloysio de Castro, seus colegas, denunciou o estado doentio do Paiz, houve em muitas classes elevadas da sociedade brasileira um sorriso de pouco caso e de ironia; não faltou quem dissesse que os medicos estavam querendo obter do governo uma sinecura rendosa e duradora. Vieram, porém, logo, as provas irrefutaveis, os documentos insophismaveis: taes são os relatorios de Oswaldo Cruz sobre as regiões do Madeira, o de Carlos Chagas sobre as regiões amazonicas das quaes vos dá uma idéa o «Inferno Verde» de Alberto Rangel. Arthur Neiva e Belisario Penna percorrem em 1912 mais de 4.000 kilometros numa excursão a cavallo, pelos sertões da Bahia, Pernambuco, Piauhy e Goyaz, e nos sete mezes de jornada constatarem dolorosamente o detestavel estado da população brasileira dos sertões. Belisario Penna acaba de publicar um livro que commove até ás lagrimas; sabeis em quanto o autor computa os doentes das varias endemias? Para a *ankylostomíase* (também *uncinariose*, *ancylostomose*, *anemia tropical*, *opilação*, *amarellão*, *cangoary*, *mal da terra*) o total attinge 70 % da população do Paiz; Para o *impaludismo* (também *maleitas*, *malaria*, *sezões*), 40 % de todos os brasileiros; 15 % para a *trypanosomíase americana* (ou *molestia de Carlos Chagas*, *doença do barbeiro*) incuravel. Mas a lista ainda não está completa: a *lepra* (*morphea*), a *leishmaniose* (*ferida brava*, *úlcera do Bahurú*), a *dy-senteria* (*camaras de sangue*), o *trachoma*, a *cachaça*, o fumo... Lêde, Exas. Sras. e Srs. lêde o livro de Belisario Penna, e, se não sentirdes uma verdadeira humilhação e uma tristeza enorme ao par de calafrios de pavor, é que o vosso patriotismo não passará de vã palavra. vosso patriotismo, digo mal, melhor direi—os vossos sentimentos christãos! É monstruosa a nossa desidia, quanto a essas endemias largamente espalhadas no Brasil.

Nós precisamos imperiosamente de importantissimas obras de saneamento rural e urbano; é bem possivel que, nos tempos que correm, a maior obra de patriotismo seja propagar estas mi-

serias com o fito de provocar uma urgente, energica e demorada reaccão salutar da parte de todos.

Saneamento e hygiene ! Quer dizer, restituicão ao Paiz, de consideravel somma de energia humana capaz de, só por si, resolver importantes problemas nacionaes. Depois, curada a população, os desportos, a gymnastica, o esccitismo, a hygiene alimentar e a das habitações, o EUGENISMO enfim completará o que nos falta no capitulo saúde e vigor.

3.a) a riqueza accumulada, é o terceiro elemento de defesa da Patria, visto que o dinheiro é o nervo da guerra. Sem saúde e vigor, no homem, nunca teremos uma organização agricola estavel e o trabalhador rural não será um factor de accumulacão de riquezas. Vêde, caros patricios, o trabalho intelligente dos Trappistas, em Tremembé: «em 500 e tantas pessoas que compoem as colonias da Trappa existem apenas 2 familias estrangeiras»; alli está, portanto, resolvido o problema da cura do homem e da consequente educacão do operario agricola nacional, e isso é o cultivo do solo independente do braço estrangeiro, é o augmento de producção, é a riqueza, é o saldo ! Ainda há pouco tempo Cincinato Braga, na Camara Federal, demonstrava á evidencia que as necessidades brasileiras exigiam 75 milhões de esterinos e que a producção media nossa era apenas de 44 milhões, donde um *deficit* annual avultadissimo que urge vencer augmentando de muito a producção actual. As anormalidades trazidas ao nosso commercio pela guerra teem produzido uma situacão difficil que se procura dirimir com o papel moeda aos borbotões. E vós estaes certos, por uma longa experiencia, de quantos males suscita o excesso de papel moeda. Mas não sejamos pessimistas : haja iniciativa, constancia, força de vontade e não haverá obstaculos que resistam.

TERCEIRO MANDAMENTO

Pagae impostos !

Bem sabeis que o Estado só poderá manter os serviços publicos quando fôr capaz de dispôr de quantias bastantes. O dinheiro do Estado será proveniente de *rendas* mobiliarias e imobiliarias, ou de *monopolios* (onde os há), ou finalmente de *impostos*. Esta é a triplice fonte que jorra o numerario normalmente nos cofres publicos ; os *emprestimos* constituem rendimentos anormaes, verdadeiros saques sobre o futuro. *Rendas* e *monopolios* não são todavia sufficientes em Estado algum, para os numerosos encargos derivantes da civilização : o imposto torna-se, pois, absolutamente preciso e todos temos o estricte dever de contribuir para as despesas communs. O imposto não

é uma taxa a que o individuo possa esquivar-se sem prejuizo. A vida social exige essa restricção na nossa liberdade, restricção inherente a todo o agrupamento. Numa democracia, poderemos affirmar que o imposto é uma dessas limitações que o individuo estabelece contra si mesmo e em beneficio de todos. A vida das modernas sociedades obriga a muito gasto, para attender-se ao conforto que o homem reclama; todo esse bem-estar que se requer; a segurança e a assistencia que cada membro do corpo social exige da collectividade, tudo isso custa não pequenas sommas que se hão de realizar pelo tributo generalizado.

Os impostos devem, entretanto, ser votados equitativamente e com bastante circumspecção. Todo o augmento delles, porisso que é um accrescimo no restringimento da liberdade individual, constitue medida antipathica para o povo. Cuidado grande na votação dos impostos; escrupulo maximo no applicar os dinheiros publicos, evitando-se o luxo e o desperdicio; cautela na organização dos orçamentos para que sejam realmente equilibrados—eis normas de uma sabia politica que não devemos deixar de propagar. Junte-se a isto tudo o que for possivel em beneficio do augmento dos saldos na balança commercial, a favor da exportação. Fiscalizemos o empiego dos dinheiros arrecadados, peçamos conta delle aos administradores e paguemos de bom grado os impostos equitativos que se exigirem de nós. Assim o fazem os povos progressistas e civilizados.

QUARTO MANDAMENTO

Votae!

Não se concebe um ESTADO FEDERATIVO sob um GOVERNO REPUBLICANO DEMOCRATICO em que o cidadão deixe de votar. «O voto é, sem duvida, uma parte essencia e fundamental do dever do cidadão, apto para o governo do seu paiz», di-lo o Sr. Elihu Root, numa de suas conferencias; e L. Le Chevalier no seu livro «L'idéal moral» affirma: «E' triste consignar que, num estado democratico, um numero muito grande de cidadãos abstenha-se de cumprir os deveres de eleitores, ou por uma inexcusavel indifferença, ou sob o pretexto inadmissivel de que os candidatos apresentados não correspondem de maneira alguma ao seu ideal.» O absentismo é um mal tão grande que varios paizes adoptaram já o *voto obrigatorio*. Mas não basta seja o *voto obrigatorio*, apenas; preciso é que o seja também *secreto*, porque o respeito ao voto só é completo quando é elle inteiramente secreto. Ainda há pouco o Sr. Conselheiro Rodrigues Alves fazia notar a necessidade das eleições entre nós exprimirem a verdade, pelo expurgo das fraudes e pela consideração da vontade do eleitor expressa no seu voto..

QUINTO MANDAMENTO

Cooperae na politica!

Ouvi ainda o espirito democratico de Elihu Root:

«Um nobre francês podia, á sua vontade e sem descredito, acompanhar a cõrte de Luiz XIV ou retirar-se para o seu castello, porque naquelle tempo a questãõ se reduzia a ser o governo exercido por estes ou por aquelles homens. A feiçãõ essencial das condições modernas é que o encargo e os deveres de governo recaem em todos os homens, e niõguem pode isolar-se nas suas occupações ou nos seus prazeres, e desconhecer o seu direito de participar do governo, sem fugir a uma obrigaçãõ. Não há niõguem isento de responsabilidade; e ella é exactamente proporcional á capacidade de cada um, á sua educaçãõ, á sua experiencia da vida, ao seu desinteresse, á sua aptidãõ para o mando, em summa, á sua habilitaçãõ para agir de facto na grande luta que tende continuamente a determinar a preponderancia das forças boas ou más no governo, e de cujo êxito dependem os momentosos resultados para a sua pessoa, para a sua familia, para os seus filhos, para o seu paiz e para o genero humano. Os homens egoistas, que teem particular interesse na subserviencia, vãõ tomar parte na luta; os homens ásperos, malévolos, prevenidos e dominados pelo odio tambem nella vãõ tomar parte; os corruptos que precisam conseguir alguma coisa do governo, da mesma sorte interveem na luta; e igualmente os demagogos que, pela insufflaçãõ dos preconceitos de seus companheiros, desejam alcançar collocaçãõ e poder. As fõrças do altruismo, do *self-control*, da justiaça, do espirito e da honestidade publicos, bem como o amor á patria, se oppoem á semelhante classe de individuos; e essas forças exigem toda a contribuiçãõ possivel de personalidade e de poder entre os homens, ou entãõ estes serãõ vencidos no irreprimivel conflicto. O systema de governo popular, de que tanto dependem, não pode ser posto em pratica com êxito se a grande classe dos homens, taes quaes se acham agora nesta sala, não contribuem com a parte que lhes toca no governo; e nenhum de nós pode deixar de nelle intervir, sem perder um pouco o titulo ao respeito de si proprio.»

Esclareçamos o espirito publico prègando principios sociaes; formemos correntes de opiniãõ orientadas para uma digna e sabia politica; procuremos criar partidos politicos com programmas que lhes sãõ a essencia mesma, partidos de cuja luta e de cujos ideaes provenha o progresso nacional. Ainda uma vez, respeitemos o voto e combatamos a fraude e tomemos interesse por todos os problemas nacionaes que sãõ, afinal, os proprios problemas de cada um de nós.

SEXTO MANDAMENTO

Não vos esquivéis do dever ao jury!

Tribunal popular, oriundo do senso pratico admiravel do povo inglês, o jury foi sabiamente mantido pela Constituição Federal, no seu artigo 72 § 31. Instituição eminentemente democratica tem sido, contudo, entre nós, tratada com bastante desinteresse. Numerosos são os cidadãos, representantes da parte intelligente e sã da população, que procuram fugir ao cumprimento dos deveres furtando-se aos orus que o jury acaneta, o que é um duplo mal. Com essa debandada dos melhores elementos sociaes, há frequentes falhas nos julgamentos dados e há um pessimo exemplo para as classes menos representativas da sociedade: a melhor disciplina continúa sendo, ainda é sempre, a do exemplo. Não se corrigiu os defeitos do jury brasileiro com a veneravel imagem do Christo crucificado, não! Os ensinamentos do Nazareno, esses, sim, é que devem estar no coração dos homens todos para que, cumprindo a Lei, ninguem fuja ao *munus* publico e obedeça christãmente aos dictames da justiça.

SETIMO MANDAMENTO

Respeitae a Lei!

«Lei é uma regra de Direito, escripta e geral, imposta a um povo pela vontade do Estado.» Esta vontade do Estado, porém, nos regimes representativos e democraticos importa, de certo, na vontade do povo todo. Respeitar a Lei significa, em resumo, ser coerente consigo proprio. Não fôra tomar o vosso tempo, e eu transcreveria para aqui um dos dialogos de Platão, em que o maior discipulo daquelle «que não era deste mundo» tal a sua virtude, relata o caso de Criton igualmente discipulo de Socrates, propondo ao philosopho que fugisse da prisão. O mestre atheniense recusa a proposta de Criton, dizendo: «Meus amigos, esqueceste que há uma testemunha que nos vê e que me condemnará se eu seguir vossos conselhos, a saber: as leis do nosso paiz?» E conclue: «Se a Patria quer que tu sejas vergastado e encadeiado, se ella quer que tu vás á guerra e que por ella derrames teu sangue, debes obedecer sem hesitar porque tal é teu dever.»

Ser escravo da Lei não deshonra,—pelo contrario,—eleva; pois foi a escravidão á Lei que o espirito purissimo de Socrates pretendeu ficára para sempre na memoria dos posteros, acceitando calma e sereno, aos 72 annos de uma existencia laboriosa e quasi santa, a taça de ecuta que a injustissima sentença

lhe apresentára. Diz um autor: «Para aquelle que comprehendeu bem a dignidade e a excellencia da razão não há nada maior, nem mais bello, nem mais doce do que inclinar sua vontade pessoal, suas preferencias e seus interesses particulares, diante da Lei, expressão da vontade commum e do interesse geral.» (4) Aliás, o desrespeito á Lei equivale ao arbitrio e nenhuma sociedade jamais produziu fructos, dessa maneira. O arbitrio é o despotismo, é a revolta, é a prevaricação, é a falta de pundonor, é o roubo, é o assassinio, é a miseria, é o regresso, é a derrocada...

Parodiando Vzoulet (*La Cité Moderne*) direi que é preciso muito tempo ainda para arrancar do espirito brasileiro esta idea que a lei é uma prescripção puramente arbitraria e tyrannica, puramente vexatoria, e não uma medida de salvaguarda, que pode falhar, ás vezes, em certos pontos, mas que, em todo o caso nunca poderia ser suspeita quanto á intenção.

Respeitemos as Leis do nosso Paiz, implantemos aqui a soberania do Direito, e só assim haverá liberdade, honra e dignidade. Todos os grandes homens e todos os grandes povos notabilizaram-se e notabilizam-se pela estricta subordinação á Lei, porque reconhecem que só assim poderá a collectividade progredir. Comparae agora: no Brasil, disse-o alguém de responsabilidade, para que tudo ande bem, uma lei unica torna-se necessaria, e redigida nestes termos: «De hoje em diante entram em vigor todas as leis promulgadas até a presente data.» Observação amarga e ironia terrivel!

Nem coisa mais caracteristica dizer se pode de como amadas e cumpridas são, no Brasil, as leis; é certo, no entanto, que tal estado de coisas não é airoso, senão deprimente; precisamos sair d'elle e depressa.

OITAVO MANDAMENTO

Fiscalizae a execução das Leis !

O notavel humorista americano Mark Twain, em um conto intitulado *Uma viagem em companhia de um reformador*, pinta-nos um major cuja preocupação primeira era fiscalizar a execução das leis; é um conto attrahente que nos ensina um modo relativamente facil de agir. O major reformador discutia, se era possivel, applicava sôcos se as boas palavras não tinham valor; ora apresentava-se como primo do chefe ou parente chegado do presidente; ora como amigo intimo delles; em certos casos

(4) L. Le Chevallier.

lingia-se inspector de serviços, outras vezes, diante de um mau funcionario, esboçava uma queixa ao superior... e assim por diante, mas tudo isso com tal calma, tal convicção de utilidade da obra empreendida que não se pode deixar de concordar quanto á excellencia do methodo. Há uma quantidade immensa de faltas e abusos que serão facilmente sanados, sem necessidade de grandes incommodos, sem precisão de se demittir ninguém: nem é mesmo conveniente exonerar de um cargo qualquer um certo funcionario experimentado e... avisado, para collocar, na vaga, um empregado novo que ainda não haja recebido uma boa lição. O que, porém, o humorismo do literato nos mostra na figura de um major excêntrico, cada um de nós pode realizar com pleno êxito e enormes proveitos para a communhão. Comece o individuo por não transgredir os preceitos legaes—é o exemplo, é a fiscalização negativa; venha depois, opportuna, eficaz e sem más intenções, a fiscalização dos actos alheios—é a fiscalização positiva.

Entre nós, brasileiros, é commum o mau vezo de se solicitarem actos irregulares das pessoas com quem se mantenham relações. A um medico amigo pede-se um attestado falso; a um funcionario, uma certidão menos verdadeira; a um professor, uma approvação injusta etc. É enorme a lista dessas pequenas transgressões. Tal habito não é innocuo: cria a crença de que a lei, a honra, os principios, a dignidade, tudo isso de nada vale. O mais interessante é que as irregularidades são pedidas em nome das boas relações da amizade... Ora, um camarada sincero, um amigo, não devem jamais desejar que saiamos fora das mais escrupulosas linhas de conducta.

NONO MANDAMENTO

Falae bem a lingua nacional!

Paiz de immigração, a lingua nacional bem falada e conhecida é um poderosissimo instrumento de assimilação. Cultivamos com excepcional carinho a lingua de nossa terra, em toda a vastidão do territorio patrio, na imprensa e no livro, na conferencia e na palestra, em publico ou no ambiente familiar: isto a defesa pacifica do Brasil. Há uma resistencia que se oppõe, com as armas nas mãos, destruindo-se o inimigo no calor das batalhas; mas há tambem uma defesa menos rumberosa muito mais modesta no agir, mais valiosa, porém, e que se fa quotidianamente, minuto a minuto, em todos os recantos da Patria, fortalecendo-se os vinculos nacionaes, aggregando-se o elementos estranhos, extirpando se as formações prejudiciaes... E a lingua patria é, quiçá, o agente maximo dessa defensão pa

cifica de que todos, sem exceptuar pessoa alguma, são executores embora inconscientes. A familia, a escola, a igreja, a imprensa, que obra de elevado e superior patriotismo poderão praticar no apuro da lingua e no augmento de mimos e carinhos para com ella. Leiamos os autores de nomeada, caprichemos no falar e escrever. E' a vós sobretudo, atiladas e intelligentes patricias, que compete na maior parte, em larguissima escala, esse encargo bellissimo de proteger o idioma patrio pelo conhecimento profundo e pelo uso constante d'elle, primeiro no vosso lar; e depois, onde est verdes. Falae linguas estrangeiras, é bonito e é util, mas não abandoneis a cultura do idioma nacional. Assimilemos o elemento estrangeiro, que aqui vive, pela lingua em que Camões, Sá de Miranda, Frei Luiz de Souza, Antonio Vieira, Manuel Bernardes, Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Ruy Barbosa, Olavo Bilac e tantos mais criaram obras maravilhosas e immorredouras.

DECIMO MANDAMENTO

Não desdenheis a civildade, o cavalheirismo, as boas maneiras!

Eduquemos os nossos filhos e aquelles que dependem de nós dentro das normas severas da mais pura moral; não desdenhemos, porêm a polidez, a urbanidade, o trato ameno e gentil. Um character rijo de maneira alguma quer significar um espirito rude e grosseiro. As boas maneiras não são incompativeis com a maxima severidade no cumprimento dos deveres. Muita gente há que confunde disciplina com brutalidade, para quem manda; e com servilismo, para quem obedece: é um engano lamentavel! A mais forte disciplina cabe perfeitamente dentro do mais apurado cavalheirismo, bem como da maior altivez. Eduquemos, pois, as crianças brasileiras de accôrdo com os preceitos da civildade, do cavalheirismo, das boas maneiras. Quão agradavel viver num Paiz assim onde o trato encantador, de toda a gente, suaviza as agruras da vida. Guerra á grosseria! O cavalheirismo compõe-se, no entanto, de dois elementos:

a) um elemento negativo: *não ser intrigante.*

A intriga insprou ao poeta os seguintes interessantes e verdadeiros versos:

ARMAS

(Fagundes Vareira)

Qual a mais forte das armas,
A mais firme, a mais certa?
A lança, e espada, a clavina,

Ou a funda aventureira ?
 A pistola ? O bacamarte ?
 A espingarda, ou a flecha ?
 O canhão, que em praça forte
 Faz em dez minutos brecha ?
 — Qual a mais firme das armas ?
 O terçado, a fisga, o chuço,
 O dardo, a maça, o virote ?
 A faca, o florete, o laço,
 O punhal, ou o chifarote ?...
 A mais tremenda das armas,
 Peior que a durindana,
 Attendei, meus bons amigos,
 Se appellida :—a lingua humana !

Que as nossas crianças cresçam, portanto, com o odio á calúnnia, á maledicencia, á intriga, ao mexerico, ao falatorio ; tudo isso degrada a pessoa humana. Há uma regra do «Codigo do Escoteiro» que não visa outro fim senão combater a maledicencia : «o escoteiro é sempre jovial, entusiasta, E PROCURA O BOM LADO DE TODAS AS COISAS.»

b) um elemento positivo : *ser delicado, de modo a ter-se um cavalheiro perfeito em cada cidadão.*

Eis ahi, Srs. e Exas. Sras., o decalogo da religião da Patria, (5) que a «Liga Nacionalista» houve por bem mandar fosse espalhado hoje pelo Estado inteiro. Realizar esses dez mandamentos é ter educação civica, pois já o referi, educação é acto, educação é pratica de preceitos ; ter educação é agir no sentido da instrucção possuida. Saber coisas da Patria, ser altamente versado em normas civicas de nada adianta se se não affirmam os principios na pratica diaria da vida. O patriotismo não foi feito para as grandes occasiões. Patriota é quem cumpre religiosamente a sua obrigação, por mais modesta que seja a profissão que a pessoa exerça. Diz um autor : «é-se muito levado a separar o sentimento patriótico do sentimento geral do dever a cumprir para com os outros e a transformar a Patria em uma especie de idolo supra-terrestre que desdenha da realidade da vida quotidiana, e só se compraz com os gestos sensacionaes e com os protestos ruidosos.»

Disse-vos já que o ideal não pode morrer, não deve morrer. Vamos para elle ! está longe : não importa. Tambem há perto de dois milenios, muito longe daqui, na Terra da Promissão,,

(5) Vêr Joseph Boucher — Psychologie, cap. «Le sentiment religieux» de onde tirámos muitas ideas.

um doce rabbi da Galilea agitou uma bandeira de reforma social, prêgando a fraternidade universal numa doutrina suave de paz e amor, de renuncia e perdão, doutrina tão elevada, tão grandiosa, tão sublime que os homens consideraram-na uma revelação da propria divindade! E o ideal de Christo está ainda longe da realização, e não era mesmo facil realizá-lo... «Quem quizer vir commigo que tome a sua cruz e me siga!»

Propaguemos o conhecimento da amplitude dos nossos males: que a noticia exacta da nossa situação seja o ponto de partida para a arrancada estupenda que nos há de levar ao nosso ideal de grandeza. A verdade precisa ser divulgada: «nem pode haver enthusiasmo onde não há a consciencia dos trabalhos a vencer.»

O tempo é de incertezas quanto o dia de amanhã; a Europa, berço vetusto de uma civilização que ora se transforma, revolve-se medonha num sangue generoso do qual há de brotar um futuro melhor, mais puro, mais harmonioso. Nós, brasileiros, poderemos ser, de um momento para outro, chamados a derramar o nosso sangue naquelles campos onde a juventude e a mocidade se tem despedaçado para afirmar um principio de Direito e para legar á humanidade uma norma de Justiça. Repito: disse-o admiravelmente o Sr. Dr. Altino Arantes que nós estavamos promptos a ir para a luta, onde, por certo, saberiamos morrer com honra mas que o que se quer, o que se precisa, é vencer; nós ainda não estamos preparados para alcançar a victoria. Para adquirir aptidão para o triumpho precisamos viver num regime onde a verdade seja um facto: não é com illusões, com enganos, com maiores ou menores mentiras, não é lobrigando miragens, que se prepara um povo para lutar e vencer. Regime de sinceridade e verdade, em primeiro lugar; depois, uns ás armas, outros aos campos, lavrando e colhendo e trazendo a prosperidade para a Patria, e todos, absolutamente todos, ao combate urgente contra as endemias reinantes, suprema vergonha para o Brasil.

Programma vasto, programma difficil, programma demorado. Ideal longínquo e altissimo!

Para traz o labeu infamante de molleza e indisciplina com que nos tem brindado tantos publicistas, nacionaes e alienigenas. Para traz o estigma ignominioso de incapacidade e falta de energia que nos marcava a fronte. O tempo é dos fortes: preparemo-los com urgencia pelos meios que houver. A luta é terrivel e necessario é vencê-la e vencê-la com honra. Sejam taes os nossos actos agora, que as gerações vindouras possam orgulhar-se dos seus antepassados.

CARLOS DA SILVEIRA

(Da II.ª cadeira)

A GEOGRAPHIA E O SEU ENSINO

A geographia entre os gregos A geographia teve, na época em que floresceu a civilização grega, notáveis cultores, taes como Aristoteles, Hippocrates, Eratosthenes e Thales de Mileto. Eram então objecto de acurado exame os phenomenos que se produzem na zona geographica, que é aquella em que a atmosphaera se põe em contacto com a lithosphaera e a hydro-sphaera. Preoccupava o espirito desses philosophos a perfeita comprehensão dos phenomenos pelo conhecimento das leis a que se subordinam e dos laços de mutua dependencia que os ligam. E' incontestavel, pois, que os gregos foram notáveis cultores senão os creadores da geographia scientifico-philosophica, da geographia especulativa.

A geographia entre os romanos O poder avassalador da aguia romana estendeu-se por sobre a peninsula helenica que, a partir do anno 146 A. C. passou a constituir mera provincia do mais vasto imperio que a historia regista. Esse facto repercutiu fortemente sobre a cultura grega, cujo brilho foi pouco a pouco se apagando, deante da cultura romana. Esta fazia-se notar por sua directriz mui diversa da daquela.

A geographia não podia deixar de soffrer a influencia do referido acontecimento historico. A concepção elevada e verdadeira da sciencia geographica foi, pouco a pouco, se perdendo até desaparecer quasi de todo. Quasi, dizemos, porque houve sempre um ou outro espirito de escol que se esforçava por conservar aos estudos geographicos a sua feição verdadeiramente scientifica.

Em substituição á geographia scientifico-philosophica dos

gregos, surgiu a geographia puramente descriptiva dos romanos. Perdeu, assim, a geographia o seu valor eminentemente educativo, passando a ser encarada apenas do ponto de vista instructivo, visando a sua feição utilitaria. Dominava os romanos uma grande ambição de conquistas e, para attingirem esse objectivo maior, afeiçoaram os estudos geographicos ás suas conveniencias e necessidades. Foi assim que a geographia geral cedeu o passo á geographia regional que passou a ser a unica cultivada, seguindo uma orientação pratica.

Sua renascença Com tal feição mantiveram-se os estudos geographicos durante o largo periodo da idade media, feição que perdurou até o seculo XIX, em cujos alvares operou-se a renascença da geographia como sciencia. Deve-se isso aos trabalhos notaveis de Alexandre de Humboldt (1769—1859) e de Karl Ritter (1779—1859). «Alexandre de Humboldt, no *Tableaux de la Nature* (1808), no *Essai sur la nouvelle Espagne* (1809), no *Cosmos* (1845—48), mostrou-se não sómente meteorologista (é o creador dos isothermos), naturalista (é o creador da geographia botanica, baseada na physionomia das plantas e suas relações com o solo e o clima), em resumo, observador aberto a todos os factos physicos e biologicos. Foi, sobretudo, um philosopho com uma incomparavel grandeza de vistas, que, em lugar de considerar um phenomeno em si, o collocava na serie dos factos, remontando ás suas causas, descendo ás suas consequencias, e o comparando com phenomenos analogos produzidos em outros pontos do globo. Foi Humboldt, pois, o creador da geographia moderna. Karl Ritter, porém, foi o seu vulgarizador, publicando a *Géographie Comparée*, cujo primeiro volume appareceu em 1817, e na qual expoz com grande brilho os principios estabelecidos por Humboldt, exercendo, por esse meio, uma influencia extraordinaria sobre todos os geographos do seculo XIX.»

A geographia no Brasil

No Brasil, entretanto, continua a geographia a ser ensinada consoante a concepção romana. Trata ella ainda, para a quasi totalidade dos professores, da descripção da superficie da lithosphera e dos povos que a habitam. Os programmas a que se subordina o ensino da geographia denunciam claramente a rotina em que permanecem os nossos professores que parecem ainda desconhecer os trabalhos de Humboldt, Ritter, Ratzel e outros e bem assim o rumo novo que, em outras Nações, vae norteando o curso da sciencia «que é a base ou a chave da maior parte dos conhecimentos humanos.»

Ora, é necessario qua a renascença da sciencia geographica

repercuta no Brazil, inspirando mais um pouco de amor aos que têm por dever ensinal-a nos institutos secundarios (é do ensino secundario que me occupo) de modo a porem de lado o mero ensino descriptivo, sem apoio em base scientifica, e a darem á geographia o papel que lhe compete de sciencia explicativa, na mais larga accepção do termo. Ensinem elles ser a geographia uma sciencia de observação e de raciocinio, a sciencia das relações entre a Terra e o homem, que procura fazer comprehender a immensidade do Grande Oceano, a exuberancia das florestas virgens americanas, os costumes dos negros africanos. Mostrem elles como, pela constituição geologica do solo, pelas formas do relevo e pelo clima, essa sciencia explica o regimen dos cursos dagua, as formas vegetaes, os animaes e a vida humana; como ensina até que ponto o homem é escravo das forças do universo e o prisioneiro da Terra, mas tambem como pode lutar e reagir; como faz comprehender a dependencia estreita e reciproca que ha entre a Terra e o homem, revelando, assim, o harmonioso encadeamento que preside á vida universal. (Mairey).

Longe de mim o condemnar inteiramente o estudo descriptivo da geographia regional. Mas esse estudo deve ser feito depois do da geographia geral e como um complemento desta. E', pois, de toda a conveniencia, que se procure estabelecer um consorcio entre a geographia geral, scientifico-philosophica, segundo a concepção grega e a geographia regional, descriptiva, segundo a concepção romana. Ellas não se repellem, mas completam-se. Aquella illumina a rota que esta tem de perlustrar.

GEOGRAPHIA GERAL

Os phenomenos que se produzem na zona geographica e cuja perfeita explicação constitue objecto da geographia geral, a despeito de sua extrema variedade, podem constituir quatro grupos essenciaes. Pertence ao primeiro grupo, o phenomeno da distribuição do calor solar na zona de contacto da atmospherica com a lithosphera e a hydrospherica, calor que é a fonte de toda a vida e toda a actividade terrestres. Ao segundo, pertencem os phenomenos atmosphericos (varações da temperatura, ventos, nuvens, chuvas...) e lithosphericos (aguas correntes, geleiras, erosão...), phenomenos estes que são importantes efeitos da distribuição do calor solar. Formam o terceiro grupo os phenomenos da vida vegetal, da vida animal e da vida humana, phenomenos esses que se prendem por laços de estreita dependencia aos comprehendidos nos dois primeiros grupos. Finalmente constituem o quarto grupo todos os phenomenos que

resultam da actividade do homem, actividade esta que se impõe, pela sua importancia, de um modo especial, á attenção do geographo.

Seu methodo De accordo com essa classificação geral dos phenomenos geographicos, divide-se a geographia em quatro partes: mathematica, physica, biologica e humana. A geographia mathematica estuda a Terra no systema solar e este, no universo; a forma e as dimensões da lithosphera; a divisão dos continentes e dos oceanos, etc.; a representação da Terra. A geographia physica estuda os elementos solido (lithosphera), liquido (hydrosphera e aguas correntes) e gazoso (atmosphera) da Terra. A geographia biologica ou bio-geographia estuda a vida vegetal e a vida animal nas suas relações com o meio. A geographia humana ou anthropo-geographia, enfim, estuda a acção do homem no meio em que vive.

A geographia mathematica A geographia mathematica pode comprehender tres partes: a) cosmographia; b) o globo terrestre; c) representaçã da Terra.

Cosmographia O estudo da geographia geral não pode deixar de ser precedido de um curso, embora resumido, de cosmographia, que, de algum modo, pode ser considerada como um capitulo della. Com effeito, a perfeita comprehensão das questões ventiladas num curso de geographia geral depende, até um certo ponto, do conhecimento das relações que ha entre a Terra e a familia sideral a que pertence. E o estudo do systema solar que constitue uma familia da immensa sociedade universal, conduz necessariamente ao exame da estrutura do universo.

Nestas condições, o estudo do globo terrestre deve ser feito depois dum rapido curso de cosmographia, curso que habilita o estudante a considerar a Terra não só como a morada obrigatoria do homem, mas tambem como um corpo que vive, que se agita, que percorre um cyclo vital como qualquer planta ou qualquer animal, e cujo destino é identico ao dos demais corpos que formam a grande sociedade sideral.

(Continúa)

EZEQUIEL DE MORAES LEME

(Da 9.ª cadeira)

O ENSINO DA LINGUA FRANCEZA EM NOSSAS ESCOLAS NORMAES

Estamos nós ainda nos tempos das selectas? Assim sendo, será o estudo attrahente? Conseguirá elle prender a attenção dos alumnos?

No primeiro anno nem selecta, nem outro livro qualquer. O ensino deve constituir um trabalho exclusivo do professor. A elle compete organizar seus pontos, escolher os trechos, que, sob dictado ou escriptos no quadro negro, serão transmittidos aos alumnos. De mais a mais, durante o primeiro semestre, pelo menos, levando em conta o preparo que do Curso Complementar trazem os candidatos ao Curso Normal, de grande vantagem seria dar ás aulas um cunho essencialmente pratico. Uma explicação conscienciosa, clara, dos quadros Delmas forneceria assumpto variado, e ao mesmo tempo augmentaria de modo consideravel o vocabulario dos alumnos. Enorme proveito adviria igualmente: pensariam os alumnos em francez, nem sequer uma palavra seria pronunciada no idioma vernaculo.

Dando azas a seu espirito de iniciativa, completaria o professor o que por acaso falte naquelles quadros. Organisaria outros, por meio de perguntas e respostas, pois no ensino pratico o dialogo é insubstituivel. Sem o enfadonho estudo da grammatica, ali aprenderia a conjugação completa dos verbos, tanto regulares como irregulares, o jogo dos pronomes e adjectivos possessivos. Todas as regras da morphologia ali encontrariam seu emprego, naturalmente.

Arrasta-se penosamente uma aula, sem interesse seguem-na os alumnos: passe o professor a um assumpto que de perto lhes toque, desperte-lhes a curiosidade, e, ensina-nos a experiencia, alegre-se: torna a aula, todos, á, porfia, querem tomar parte

na palestra, e em poucos minutos opera-se uma transformação completa. Porque? Simplesmente porque ouviram uma phrase cujo emprego julgam os alumnos commum e facil, simplesmente porque se lhes depara um ensejo opportuno de representar papel indispensavel em uma aula pratica. Ora, quem nos impede de mais a miude lançar mão de semelhante recurso?

Já no inicio do segundo semestre, affeitos ao methodo, possuindo o jogo e completo da morphologia, pelo menos em seus elementos essenciaes, podendo formar phrases e mais phrases sem grande difficuldade, um pouco de theoria tomará então uma pequena parte do tempo. Sempre, com exemplos, que, sob os olhos, expontaneos, lhes cahirem, estudarão as regras da primeira parte da grammatica, e mesmo abordarão não poucas questões de syntaxe.

Seguirão a ordem natural das cousas, pois, sempre a lingua teve a cienteira sobre a grammatica.

Findo que seja o primeiro anno, já o alumno, com relativa facilidade sustentará uma palestra, fará regularmente um dictado, e mesmo sem auxilio de dictionarios e grammatica, tratará, por escripto, de assumptos estudados no correr do anno.

Ora, com tal preparo, que necessidade tem o alumno que se lhe colloque nas mãos uma selecta? A phrase franceza já não lhe offerece serias difficuldades, o habito de se exprimir em francez tornou-lhe familiar o idioma a estudar: porque limitar-lhe o campo de acção?

Dêem-lhe livros, e não pedaços de livros, colhidos, quem sabe, sem o criterio necessario, e ali costurados, lado a lado, vezes muitas numa miscelanea absurda.

Não se trata, naturalmente, de obras de peso, no sentido proprio da palavra, com centenas e centenas de paginas.

Do seculo de Luiz XIV uma tragedia de Corneille ou de Racine, uma comedia de Molière, algumas fabulas de La Fontaine, um ou outro capitulo de La Bruyere, muito agradarão os alumnos. Da epoca contemporanea só terá o professor difficuldade na escolha. Faguet, v. g., com os seus 10 mandamentos, Victor Hugo, com seus contos e narrações, e quantas outras obras de estyio facil e leve, que, num fechar d'olhos seriam soffregamente lidas pelos alumnos. Como sempre, lançando mão da liberdade de que goza, recorrerá o professor ás bellas produções de Sully Prudhomme, Vigny, Coppée e Anatole France. Verdadeiras obras primas, primoras de arte encontrará nos lindos sonetos de Héredia.

Trilhando semelhante senda evitará o professor a monotonia em suas aulas, fará com que os alumnos a ellas se interessem, e para este alvo attingir com mais facilidade, nada tão util como a escolha de trechos adequados a moços e moças. A lin-

guagem o estylo, o assumpto, que agrada ás moças, aos moços no offerecerá identico sabor. Não pretendemos com isto dizer possuïrem ellas a intuição do bello, faltando esta aos outros, absolutamente, mas differentes são os matizes do bello. Bello é o mar de rosas, que em leves ondas ao longe se estende, bello é o procelloso oceano cujas encapelladas ondas com fragor se quebram contra as penedias da costa. Embora se adoptem os mesmos livros, algumas horas sobejarão, por certo, para que um ou outro trecho enriqueça o cabedal litterario das classes.

Ainda mais, ao professor compete um estudo attento e consciencioso do adiantamento de seus alumnos, do meio em que vivem, da carreira á que se destinam: necessario portanto se faça uma acurada selecção de trechos que lhes fallem á alma e vamos e venhamos, as selectas em voga não estão na altura de preencher esta condição.

Segundo o nosso modo de pensar, sendo o professor clarctando realmente amor á sua cadeira, a ella se dedicando com affinco, encontrará um methodo que corresponda a seus esfoços.

Pratico, essencialmente pratico, com tres aulas por semana, impossivel talvez um aproveitamento que lhe compense o trabalho Theorico, exclusivamente theorico, applicando o antiquado methodo de themas e versões, peor ainda. Viciada a lingua que se ensina, mais viciada ainda ficará a lingua que aprende.

Mais agradavel, para quem maneja a lingua que ensina, o primio systema. De um nada, quiçá, tirará assumpto para uma aula, mas contando por demais consigo mesmo, se entregará, mais do que convém, a aulas improvisadas. É agradavel, não ha duvida, mas não nos esqueçamos do de Horacio:— *Omne tulipunctum qui miscuit utile dulci.*

Mas será possivel fazer com os alumnos comprehendam um trecho sem recorrer á traducção? Assim ha de ser de nossas aulas excluirmos por completo o uso do vernaculo. Com o auxilio de um synonymo, verbo ou substantivo que seja, forme o professor uma phrase, bem simples, na qual empregue a mesma palavra, chame a attenção sobre o vocabulo em questão, e não menos claro ficará o sentido se recorresse á traducção *mot mot.*

Evitaremos assim e bem de longe o adagio italiano. É uma tendência natural de quem tem certa facilidade de traduzir, adaptar a phrase portugueza, modificá-la, embora sempre conservando o sentido do auctor, para que o portuguez, nem de longe, se possivel, tenha um resaiço de lingua estranha. Poderão os alumnos seguir o sentido de todas as palavras? E vertido a palavra atinarão com o sentido do auctor?

Parece-nos pouco provavel, tanto mais que numerosas phrases ha por completo rebeldes e semelhante traducção. Supponha o lente ser elle francez e francezes todos os alumnos, não lhe será possivel fazer com que comprehendam o que á primeira vista não fôra apprehendido sem pedir auxilio a qualquer outro idioma? De certo que sim, com um pouco mais de esforço e bem maior resultado.

Do que aqui ficou exposto, claro, queremos crêr qual o nosso modo de pensar.

Do lente, de seus conhecimentos, de seu esforço, depende o adiantamento de seus alumnos. Facil ser-lhe-á portanto, no fim do curso manter com seus alumnos rapida e animada palestra sobre assumptos colhidos após uma leitura, suppondo que nem de longe pense em applicar o antiquado methodo de themas e versões. Admittimos o emprego de semelhante methodo, se é que este nome merece, em uma unica circumstancia: nos preparatorios para exames parcellados... Mas tambem os resultados são os que sobejamente conhecemos...

DOMINGOS DE VILHENA

(Da 3.ª cadeira)

APRENDIZADO ACTIVO

II

(Continuação do trabalho publicado no
n. 6 desta Revista — Junho de 1919)

O aprendizado é tanto mais eficiente quanto melhor o método seguido attende ás condições dos alumnos. Nem só a ordem psychológica do desenvolvimento do espirito deve ser considerada: a compleição physica das crianças, suas inclinações manifestas, os conhecimentos que já possuem, usos, costumes e recursos dos paes, e os materiaes do ensino devem pesar na elaboração das lições. As aulas uteis reflectirão, em synthese, esse conjunto de circumstancias, pois o mestre de intelligencia mais robusta, saturado de enthusiasmo, servido embora por uma forte capacidade de trabalho, veria infructiferos seus esforços, deixando de subordinar sua conducta profissional ás exigencias em jogo. Evidente este conceito, elle faz do método, definidos os fins do ensino, o ponto de convergencia de todos os estudos pedagogicos.

Não nos dirigimos a pequeninos, como nos dirigimos a homeis; si o fizéssemos, não seríamos comprehendidos, nem mesmos os escutariam. «As crianças, ensina Fére, não são miniaturas de adultos, differenciam-se delles pela morphologia e pela estrutura da maior parte de seus orgams, pelo estado rudimentar de alguns que se desenvolvem mais tarde e pela actividade de outros ainda, destinados a se atropharem. Não as devemos tatar, sob o ponto de vista physico, nem sob o ponto de vista psychico, como a adultos e nem lhes attribuir os juizos e as ideias destes.» Só o conhecimento cuidadoso de sua alma e do corpo pode offerecer as bases dos métodos de ensi-

no que se corrigem na prática, pela observação e pela **experien-**
cia, afeiçoando-se ás condições especiaes de cada classe. O modo
de apresentar uma lição á criança, bem como o tempo **apropri-**
ado ao estudo da mesma, são questões essenciaes de pedagogia.
«E' opinião já bastante acceita, diz Spencer, que o **apparecimen-**
to do desejo de aprender qualquer gênero de conhecimento **implica**
a aptidão de espírito para a sua **acquisição** e necessita della para
o seu progresso; e que, por outro lado, a **repugnancia** sentida
por um gênero qualquer de informação é **signal** de que **este** lhe
foi prematuramente apresentado, sob uma **fôrma imprópria.**»

A fantasia do professor tem papel minguado na **elabora-**
ção dos métodos; estes são dictados pela propria **natureza**
dos individuos que se educam, e para seu conhecimento não
basta a **prática** rotineira,—o **auxilio da sciencia** se impõe. **As-**
sim os fundamentos da arte de ensinar não se **encontram** por
mero acaso, resultam do estudo aprofundado da **evolução bio-**
psychológica da criança, do meio que a cerca e dos **fins sociaes**
que deverá preencher. A estas exigencias o mestre **submeter-**
se-á, sob pena de construir sobre a areia. «A arte de educar,
pensa G. Richard, não é uma **intervenção arbitraria**, obedecendo
a um ideal **arbitrariamente** escolhido.» Entretanto, não concluiré-
mos dahi «ser o educador a **testemunha impotente** de um **des-**
envolvimento individual espontaneo, **modificado fatalmente** pelas
sugestões do meio social. A arte de educar não pode ser **si-**
não um **método de intervenção** discreta, com o fim de **provo-**
car a actividade regular e contínua das funções que distinguem
a **persona idade social** da **individualidade animal.**» A estrutura
geral dos métodos que «**economizam, no verdadeiro sentido da**
palavra, o esforço mental, isto é, não o impõem prematuramente
á criança, nem levam sua **intensidade alem do necessário, reti-**
rando delle, entretanto o máximo proveito», é obra de **dados**
scientificos que se definem e se **precisam** de Hebart para cá; a
vestimenta dessa estrutura é obra de arte, dependente do **génio**
inventivo de cada um. Aqui se **abre um campo largo** á **iniciativa**
creadora do mestre.

A maior ou menor **necessidade** que sente o professor de
preparar suas lições decorre da **cultura pedagógica** que tiver. Só
ella põe em evidencia o **valôr e a complexidade** desse trabalho.
Alguns conselhos uteis devem ser **conservados** em mente, como
guias na **elaboração do plano das lições** e como **directores da**
conducta em classe. Andaria bem o **educador**—1.º) afeiçoando o
ensino e os **exercícios ás forças, aos sentimentos e aos pensa-**
mentos próprios da idade;—2.º) fazendo **desdobrar-se, lentamen-**
te, aos olhos da criança, o quadro do mundo material, aos pou-
cos para que sua **curiosidade não fique saciada, mas aumente**
com o **crescer das bases aperceptivas**;—3.º) **permittindo-lhe li-**

berdade de acção para que ella manifeste as tendencias que a trabalham no momento ;—4.º) suggerindo ideias que despertem a iniciativa, para que ella, quanto possivel, sinta, pense e se esforce, fazendo sua própria educação, pelo caminho que lhe for sendo indicado, com difficuldades já reduzidas ; 5.º) despertando na alma infantil os sentimentos que formam o mundo moral, pela apresentação de factos e narrações adequados ao fim que se visa ; —6.º) fazendo-se, enfim amado pela simplicidade de suas maneiras, pela honradez e pela bondade ; respeitado pela sua justiça ; admirado pela clareza dos pensamentos e pela habilidade com que executa seus trabalhos. Não é tudo, mas já é muita cousa. —Entremos agora em uma ligeira análise do espirito infantil, no qual têm de ser applicados estes principios, tirados de mestres aos quaes, á ninguá de autoridade própria, recorro para fazer valer minhas ideias.

*
* *

Sem attenção, affirma-se, não ha aprendizado, e sem interesse não ha attenção. Haja interesse—e a attenção virá naturalmente ; como consequencia desta, o aprendizado será facil e proveitoso. Assim, a primeira condição para que a criança receba um conhecimento novo é que ella, de qualquer modo, se interesse por elle, e a segunda é que, esteja attenta ao seu exame. A marcha dos estudos segue, por esta forma, a linha do interesse ; e, como este varia de idade para idade, a escola estabelecerá, afim de poder acompanhá-lo de perto, o curso aproximado de sua evolução. Só em traços muito geraes aqui resumiremos o que a respeito se tem escripto.

«O interesse é syntoma de uma necessidade ; na criança é syntoma da necessidade de crescimento do espirito e do corpo. Com effeto, os objectos ou os actos que suscitam o interesse da criança variam á medida que se opera o seu desenvolvimento.» (Claparède). E' quasi evidente este conceito ; a observação mais superficial mostra que uma cousa nos interessa quando, de facto, responde a uma necessidade physica ou moral que experimentamos. A condição pessoal subjectiva—a necessidade—é indispensavel, pois o objecto, em si mesmo, não encerra interesse ; assim uma cousa que interessa um individuo, nem sempre interessa outro, e o mesmo individuo não se interessa hoje, com o mesmo ardôr, por um objecto que hontem o attrahiu fortemente. Umaz vezes a necessidade impõe-se claramente objectivada, outras, apresenta-se inconscientemente, sob fórma de tendencia, e, por isso, vaga, indefinida, sem via precisa de satisfação, ainda que imperiosa e irresistivel. Nas crianças, os continuos movimentos que executam e sua constante curiosidade procuram satisfazer exigencias do corpo e da mente, no sentido

do crescimento. Entretanto, não ha coordenação, ordem, systematização em suas perguntas e em seus jogos; instáveis, dispersivas, tumultuárias ás vezes, infatigaveis sempre, ellas estão contentes em seus brincos e em suas tagarelices. A escola toma essas *necessidades*, tendencias biológicas fundamentaes, para coordená-las e systematizá-las, abreviando assim o processo natural de educação; ao mesmo tempo as crianças vão tornando conscientes as suas inclinações e vão criando os objectos correspondentes a ellas.

É claro que, si, em classe, os alumnos não gosam de liberdade de acção para manifestar seus sentimentos, suas ideias, seus desejos, o professor não conhecerá as necessidades particulares de cada um, não poderá, por isso, attendê-las; limitar-se-á a occorrer ás suppostas necessidades geraes da classe, perdendo uma *óptima* oportunidade de ser verdadeiramente util. Os trabalhos realizados por elles, bem como suas perguntas e suas objecções, muitas vezes disparatadas, orientam o mestre na explicação de uma lição ministrada igualmente para todos, mas nem sempre por todos igualmente assimilada. Respostas dadas a perguntas dos mais curiosos e interessados preencherão as lacunas deixadas pela explicação, com proveito máximo dos que perguntarem e com vantagens para todos os outros, pois observa-se que toda a classe acompanha attentamente as perguntas que um collega dirige ao professor. Entretanto, os exercícios e as perguntas dos alumnos orientam mais particularmente quanto a pormenores de uma lição, ora offerecendo oportunidade para correcção de erros, ora para esclarecimentos de pontos obscuros de um conhecimento novo. Si se pretende, porém, organizar um plano de lições, é forçoso recorrer a interesses mais enérgicos, mais estaveis, mais vitaes, que tenham raizes profundamente lançadas na alma. Neste caso, a solução do problema, em parte ao menos, poderá ser dada pelo estudo das civilizações primitivas e dos usos e costumes de bárbaros e selvagens. Seus interesses dominantes devem ser semelhantes aos das crianças de hoje, que repetem, em seus actos e tendencias, embora bem de longe, as tendencias e os actos dessas sociedades rudimentares.

Affirma-se, com todos os visos de verdade, que a vida do homem é uma recapitulação abreviada da vida da espécie humana, ou, por outras palavras, que as diferentes idades daquelle—infancia, meninice, juventude, mocidade—correspondem ás diferentes phases de civilização, pelas quaes passaram as gerações anteriores. Seja uma verdadeira *repetição*, originada na hereditariedade; seja esta semelhança uma simples *conformidade*, resultante de se formarem os sêres vivos de acôrdo com leis regulares e de empregar a naturêza meios idénticos para realizar a evolução ontogenética e philogenética, o desenvolvimento do

individuo lembra o desenvolvimento da raça,— o parallelismo é flagrante e torna muito verosimel a hypóthese da recapitulação. «No domínio da psychologia, pergunta Claparède citando alguém, como explicar, de outra fôrma, sinão por um instincto innato, este gosto tão geral nas crianças pelos jogos selvagens, pelas correrias, pela astúcia, pelas lutas? Donde lhes poderia vir esta paixão de viver ao ar livre, de subir ás árvores, de construir moradas, de cavar furnas para se installar nellas, como colonos improvizados, de chafurdar nos córregos, de fabricar armas primitivas, de pavonear-se em cavallos de páu, feitos de um simples bastão? E não é surpreendente a unidade destas manifestações da vida infantil, sob todos os climas e em todas as latitudes? Ha nisso muito mais que simples imitação, que não poderia causar á criança esta alegria que é o syntoma irrecusavel da satisfação de um instincto vital.» A estas atitudes de corpo e de espírito, não só relativas aos factos concretos acima enumerados, mas estendidos e cobrindo o campo largo de tudo quanto directa ou indirectamente lhes diz respeito, prendem-se as crianças por um vivo interesse, porque são necessidades iniludiveis de seu desenvolvimento; e, presas pelo interesse, estão ellas presas pela attenção, dada a coexistencia constante dessas duas manifestações psychológicas. O estudo, pois, das civilizações primitivas, dos usos e costumes de bárbaros e selvagens, constitue um subsídio riquíssimo, não só para a elaboração de planos de lições, como para a definição das linhas geraes dos métodos.

Erraria, por certo, quem pretendesse applicar, a rigôr, esta theoria. Os pequeninos de hoje não se equiparam precisamente a bárbaros e selvagens. Entre povos primitivos, despidos de mil preocupações que agora nos cercam, o interesse volta-se para o que diz respeito á habitação, á defesa própria, aos alimentos e aos adôrnos. Fazer a cabana, pescar, caçar, preservar-se do frio e do inimigo—eis os objectos que empolgam as actividades dos rudes filhos das mattas. Entretanto, uma elaboração millenária implantou em cada um de nós múltiplas tendencias que a hereditariedade conserva e transmite. Nas civilizações rudimentares «um feixe dellas diz respeito á nutrição, outro faz fugir aos perigos e outro procura a perpetuidade da raça. A estes impulsos primitivos, conducentes á sobrevivencia, junctam-se outros de mais alto aspecto da vida humana, taes como o desejo de saber, a sensibilidade á belleza, a reverencia a tudo que é grandioso e bom. Muitos dos impulsos, a principio uteis para assegurar a existencia, perdem sua importancia e podem ser ignorados.» (Ch. de Garmo). A sociabilidade, como conjuncto de qualidades que habilitam o homem a viver entre outros, é tambem transmissivel por herança. Dahi o facto de possuirem

nossos filhos tendencias sociaes que se manifestam nos jogos. Sua personalidade é, por isso, muito mais complexa que a dos representantes ínfimos da cultura e assim os interesses destes e daquelles não podem ser identificados. Nos primeiros annos de vida da criança, elles são communs, é certo, mas avançando ella em idade, a differenciação é rápida. Ao entrar na escola não pode mais ser equiparada a selvícolas. E esta é a razão de haveremos dito que o conhecimento da alma humana, no seu alvorecer para a vida collectiva, é um auxiliar valioso, mas somente auxiliar, para o estudo das inclinações dominantes de nossos discípulos. Como auxiliar é poderoso, porque derrama luz abundante sobre a face mais animal de nossa vida, o que facilita o esclarecimento da face social. Desvendam-se as *necessidades* e consequentemente os interesses.

Ao entrar para a escola, entre seis ou sete annos, a criança tem passado os períodos dos interesses *perceptivos* e *glóssicos*; acia-se na última phase dos interesses *geraes*, dos *porquês* e dos *comos*, contentando-se ainda com explicações que pouco explicam; e inicia, então, o período dos interesses *especieaes*, cuja evolução assim se opera, segundo ensina Claparède: 1.º) interesses de caça, de captura e de guerra; 2.º) interesses pastoris, em virtude dos quaes a criança procura amansar e ensinar animaes e diverte-se a cavar buracos e a construir cabanas; 3.º) interesse agrícola, que se manifesta na jardinagem; e, finalmente, 4.º) interesse commercial que produz o troco e a venda de objectos de valôr mínimo, para realizar um lucro. «E' durante este período, affirma o mesmo auctor, a partir dos sete annos, que o interesse começa a se objectivar. A criança não age mais somente pelo prazer de agir, mas vêmo-la interessar-se pelo fim concreto de sua acção, pelo *successo* de seu esforço; ella conhece já a relação que une o meio empregado ao fim a attingir. Compreende-se facilmente todo o partido que a pedagogia pôde tirar desta inclinação do espirito.»

Toda a vez que o assumpto da lição estiver comprehendido no círculo de questões acima indicadas, pôde o professor de nossas escolas primárias, medianamente habil, estar certo de que captará a attenção de seus alumnos. O interesse por essas questões é immediato:—a attenção a ellas voltada é espontânea, é a que se volta a «cousas que vivem, diz James, a cousas que se movem, cousas que sabem a perigo e a sangue», a «objectos novos para serem vistos, novos sons para serem ouvidos, especialmente quando envolvem um espectáculo de acção de alguma fórma violenta.» Alem de difficéis a collecta e a organização do material de ensino que faça constante appello a essa natureza de attenção, accresce que esse material não comprehenderia mais que uma parte mínima dos nossos programmas elementares

Não podemos, pois, contar com esses assumptos, sinão para referencias constantes, como pontos de apoio, como núcleos de noções para ulterior desenvolvimento. De facto é o que fazemos: o interesse natural, que a elle se liga, estende-se, pouco a pouco, a tudo quanto a elles se prende ou com elles intimamente se relaciona. Crêa-se, deste modo, uma nova forma da attenção espontânea—é a forma aperceptiva, que aqui vamos resumir em synthese rápida.

*
**

«Attenção é o estado de tensão de nossas faculdades intellectuaes para certas impressões e certas ideias, com exclusão de todas as outras.» Ha, pois, attenção, quando «o espirito se volta para objectos que elle deseja melhor conhecer.» Como poder mental, susceptivel de medida, apresenta uma face quantitativa alem da qualitativa, e ambas dependem da idade, do sexo, das condições de fortuna, da educação já recebida, do meio familiar e social, e de inclinações em via de eclosão, em uma palavra—de um conjuncto de *necessidades*, que formam as fontes do interesse. O maior ou menor vigôr deste, bem como sua maior ou menor estabilidade, determinam a força e a duração daquella. Dahi as modalidades da attenção. Apresenta-se, primeiro, *espontaneamente*, sob a forma *primitiva*; é instavel, fugidia, borboleteante. Volta-se para cousas que excitam vivamente, passando de uma para outra, girando em tórno, como um holophote, para esclarecer a consciencia sobre sua posição no meio circumstante. Parece ter função puramente biológica, isto é, proporcionar prazeres ao individuo e pô-lo em guarda contra perigos possiveis. É a attenção de que dispõem os animaes. Na escola é ponto de apoio sómente, pois os meios e ahi despertá-la são muitíssimo limitados; e alem disso tem os inconvenientes de manter-se mediante excitações fortes que fatigam logo e deixam de produzir os efeitos a princípio produzidos. Mas o veio de interesse natural, existente na alma infantil, não se extingue, não se esgota—cresce com a exploração, augmenta tanto mais quanto mais é usado. Surgem, assim, interesses que se originam dos já existentes e são novos engôdos, reclamos, apellos e presilhas da attenção, que continúa espontânea, mas agora *aperceptiva*.

É de observação commum que um objecto inteiramente novo, depois do espanto que causa, attrahindo para elle, põe as crianças em liberdade, não as interessando mais. Tambem as cousas muito conhecidas, com as quaes vivem em contacto constante, não as interessam, não lhes solicitam a attenção. Segue-se do exposto que um objecto interessa e, por isso, solicita a attenção, quando é desconhecido, mas está intimamente ligado

a outros já conhecidos, isto é, «quando e le preenche uma lacuna existente em um círculo de conhecimentos, ou quando, a um grupo de objectos ou a uma série de noções, juncta um objecto novo ou uma noção nova.» Esta é a fôrma de attenção possível nas escolas elementares, e os professores obtê-la-ão creando interesses novos por desdobramento dos anteriores. Analysando esta modalidade da attenção, exporemos, resumidamente, quatro leis que lhe dizem respeito e que foram formuladas por E. Roehrich. São concisas, porém claras, e põem-nos a descoberto o melhor instrumento de que o ensino se póde utilizar.

Na época em que se inicia o apprendizado escolar, a alma da criança está povoada já de «representações» objectivas e de conceitos psychológicos, colhidos no mundo material e no convívio da familia e dos amigos. Não é, pois, uma educação que se vae construir desde os alicerces: ali estão, além das tendências inatas,—imagens, ideias, hábitos phisicos e moraes de todo o gênero, armazenados por uma actividade livre e desordenada de seis ou sete annos. Os fundamentos do edificio estão lançados. No correr das aulas é mistér alinhá-los, fortalecê-los; mas é necessário também contar com elles para *continuar* uma obra começada, pois não é possível varrer do espirito infantil as impressões já recebidas. Estes conhecimentos pre-escolares constituem *bases aperceptivas* para as primeiras noções propriamente escolares, que os pequeninos vão receber. Tudo quanto visar corrigi-los, ou ampliá-los, a observação demonstrou, captará a attenção da criança. Decorre deste facto a primeira lei de que acima falámos: «*Para que haja apercepção, é necessário que ás antigas associações de ideias venham junctar-se uma ou algumas noções novas e que pareçam novas.*» Estes novos conhecimentos são incorporados á massa de representações que a mente encerra, e fôrman, com os anteriores, uma *base aperceptiva* mais larga, para novos conhecimentos, base que se amplia, a cada lição, no correr de todo o período de crescimento mental. Isto significa que as noções hoje adquiridas facilitam a assimilação das que amanhã temos de aprender, e que estas noções devem ser rigorosamente encadeadas. Entretanto—e vem a segunda lei—«*Para que se produza um phenómeno de attenção aperceptiva é preciso que o novo seja semelhante ao velho, porque as cousas absolutamente novas não excitam a attenção.*» Nóte cada um consigo mesmo e verá que é exacto este principio. Nas crianças, uma observação ligeira mostra que «o novo não tem acesso em seu espirito, sinão mediante uma condição:—existir nelle grupos de noções análogas, sem comtudo ir esta analogia até a identidade.» A lição de hoje será, deste modo, o desenvolvimento, a continuação do que hontem se estudou.

Poder-se-iam reduzir a estas duas as leis da apercepção, si, ao executá-las, não apparecessem embaraços capazes de annullar, em grande parte, os esforços do mestre. O ensino objectivo, em sua phase rigorosamente intuitiva, como a do primeiro anno escolar e a do segundo, tem os perigos da fragmentação, si não fôr conduzido de modo conveniente. Um amontoado de imagens e de ideias encheria o cérebro dos alumnos, como si, em um museu, um número infinito de objectos de valôr inestimavel rolasse pelas salas, misturados, confundidos, em completa desordem. O mesmo trabalho que têm o naturalista e o anthropólogo, de colleccionar, ordenar, seriar o material recolhido, occorre ao professor em relação ás ideias a serem transmittidas. Entre estas uma connexão íntima se impõe, para que ellas possam conduzir ás generalizações, sem as quaes a cultura não passará de uma leve superficialidade. Resolve o caso a terceira lei, que assim se enuncia: *«As noções novas devem ligar-se ás noções adquiridas por meio de transições feitas de noções intermediárias, que formem uma série ascendente de esclarecimentos successivos.»* O professor dedicado e intelligente encontra aqui terreno vasto para applicação de sua habilidade; não se deixará, porém, arrastar pelo enthusiasmo, pretendendo ensinar muita coisa de uma só vez, porque, si á mente é difficil apreender noções inteiramente novas, a difficuldade tóca ás raias da impossibilidade quando, ao mesmo tempo, muitas noções reclamam accesso. Guiar-se-á, então, pela quarta e última lei: *«Entre dois pontos culminantes da attenção, é necessário deixar um tempo de repouso.»* A assimilação não se faz em um momento: é preciso que o espirito tenha tempo para reflectir.

O objecto da lição, apresentado de accôrdo com os principios expostos acima, e estando elle comprehendido no círculo de interesses próprios da idade, terá o professor a attenção aperceptiva de seus alumnos, única fórma de attenção aliás, com a qual razoavelmente se deverá contar, durante o curso primário. Affirme-se mais, sem mêdo de excesso, que essa descoberta do método é um dos mais bellos triumphos das investigações pedagogicas, mais ou menos modernas, e que ella merece o melhor cuidado de todos quantos se dedicam á difficilima arte de educar. Convençam-se os mestres de crianças de que essa é a única porta de entrada francamente aberta ás representações do mundo externo e o problema do ensino terá uma de suas mais graves incógnitas inteiramente eliminada.

*
* *

Abramos um ligeiro parêntese, nas considerações que vimos fazendo, para lembrar, aos menos prevenidos restes assum-

ptos, que não é lícito appellar, nos primeiros annos de estudo, para a attenção voluntária das crianças. Ha o vêsso inveterado de insistir por ella, ora promettendo recompensas, ora ameaçando a classe com castigos. Não ha contestar que alguma cousa, muito pouca, se consegue; mas tambem não ha contestar que esse pouco se consegue pelo peór caminho. Aquelles que reconhecem os graves inconvenientes da disciplina coercitiva, que incita as crianças ao estudo pelo mêdo ou pela vaidade, limitam-se a appellar para o futuro dos pequenitos, lembrando-lhes os prazeres e as vantagens de uma vida cômmoda, quando attingirem a idade adulta. Esquecem-se, entretanto, de que as crianças têm do tempo uma noção limitada, a qual não vae, em geral, alem dos dias mais próximos. Assim, não sabem localizar, no passado, as experiencias recebidas, guardam apenas as impressões dos factos. Vivem no presente e para elle: a facilidade com que esquecem o que se passou e a cêga imprevidencia de seus actos attestam este asserto. Gosam os prazeres de hoje, quanto podem, á saciedade, como si não tivessem o dia de amanhã. Só o que é actual, ou quasi, tem para ellas attractivos irresistiveis. Em relação ao futuro, não lhes sendo possivel representar uma época onginqua, de quinze annos ou mais, só vagamente, como em um sonho, imaginam a condição para a qual caminham. Parecelhes que hão de ser eternamente crianças, vivendo sempre com o papá e a mamã, sem apreensões, sem cuidado, como agora. E os avisos do mestre não as podem tirar do doce enlevo. De quando em vez, luz-lhes no espirito a perspectiva do futuro; mas não se definem, não se objectivam as ideias; e as ideias sem vida não têm poder motôr, não duram mais que um instante, não conduzem á acção. Appellando para ellas, a attenção virá, mas passará rápida, como o clarão de um fogo-fátuo, e esta instabilidade impossibilita o aprendizado.

Repetiremos aqui, lembrando considerações já feitas, que os interesses da juventude e da mocidade são diversos dos interesses da infancia e da meninice: têm raizes biológicas diferentes, alimentam-se em outras fontes, conduzem a outros fins. E os fins ou objectos visados pelos moços não attraem as crianças, por esses motivos e por outros, não as podem prender, não as interessam. Para ellas, em regra, «o fim a attingir e os meios pelos quaes esse fim é attingido devem coincidir no tempo, porque o fim é o acto e o acto é o fim. O melhor exemplo é o jogo: o acto de brincar é o fim visado: findo o jogo, o fim foi alcançado.» Quando, porém, os fins e os meios não coincidem, e são muitos os casos em que isso se dá, um processo mais ou menos longo deve ser seguido, através do prazer, ignorando muitas vezes as crianças para onde são levadas. «Ideias e fins remotos, diz De Garmo, são metas que

o professor guarda na mente, pois é elle quem sabe onde mente germina e onde se fórma o botão. A criança é abso pelo presente.» E acrescenta : «A alma vive como o corpo em relação aos impulsos da alma que os interesses da inf se prendem.» A alma do adulto não é a alma do menino : não sente os impulsos daquelle, e, por isso, não se inter pelos objectos que empolgam a vida do homem feito, onde não ha interesse, não ha attenção ; como então app para esta, si aquelle não existe para servir de base ?

Accrescentemos ainda que é necessário suppôr a exist de uma vontade formada, para se exigir *attenção voluntária* nos meninos, a vontade está em via de formação ; a inst dade, a inconstancia caracterizam-nos bem, pois que elles e sob o império despótico das emoções e das tendencias, e dispõem de *motivos*, de razões mentaes, com que os conti lancem. A falta de império sobre si rouba-lhes a força nec ria para se manterem attentos a uma cousa que não os sol Não é lícito, pois, não é razoavel appellar para interesses homem, dirigindo-se a crianças. Deixemos o máu vêso e tentemo-nos com a fórma aperceptiva, que, aos poucos, le á fórma superior, naturalmente, como a flôr conduz ao fru sem esforço fatigante, sem violentar as leis do espirito.

*
**

Reatando o fio de nossa exposição, chegamos ao p em que devemos encarar a marcha do aprendizado da esp (marcha philogenética) para applicá-la ao aprendizado indivi (ontogenético). Parece que o homem, através dos tempos, guiou para aprender—*a)* do facil para o difficil ; *b)* do conc para o abstracto ; *c)* do próximo para o remoto ; *d)* do t para as partes ; *e)* do particular para o geral. No estado ac da pedagogia, a demonstração destes princípios é quasi de cessária. Algumas palavras justificativas, entretanto, serão dita guisa de esclarecimento, para aquelles que, por ventura, não nham meditado sufficientemente sobre elles. Não sairemos, rêm, dos argumentos de todos os dias.

E' bastante um estudo ligeiro das civilizações para mos que, simples na mais remota antiguidade, succedem-se e numa ordem crescente de complicações. No seio de um mes povo, processos agricolas e industriaes, instituições sociaes politicas, de applicação impossivel em começo, são aos pou aceitos e praticados, á medida que crescem as aptidões gera E' mais facil compreender a força de uma alavanca, que a fo de expansão dos gazes. Com o individuo, o mesmo facto dá ; só o treino graduado e longo poderá levá-lo aos graus

periores da mesma actividade. Em cada funcção, sua actividade cresee, aos poucos, lentamente, dos rudimentos á perfeição. Os maiores mestres já ensinaram que, aos pequeninos, «uma difficuldade em cada vez», para que elles possam ir «das intuições simples ás concepções claras», isto é, do que é facil para elles ao que lhes é difficil. Não é verdade saber ou poder o menos quem sabe ou póde o mais, salvo quando se trata do mesmo gênero de conhecimento ou de acção: mesmo neste caso, é pelo facil que se começa. Iniciar pelo difficil, na esperança de dominar, com elle, ao mesmo tempo, todo o facil que o precede, alem de ser problema de solução duvidosa, contraria a marcha natural do espirito, o que hoje ninguem sensatamente aconselha. A fórmula de Jacotot—«tudo está em tudo»—não autoriza esta inversão desastrada do método.

Esse mesmo estudo das civilizações, registado pela archeologia e pela história, e realizado hoje nas tribus selvagens inda existentes, demonstra que povos primitivos, e com elles as crianças, limitam seus conhecimentos ás cousas que os sentidos apanham, aos dados immediatos da observação. As raras concepções que possuem nascem de factos mal comprehendidos e são immediatamente materializadas, porque, fóra desta esphera, o espirito não encontra apoio. Conceptos inteiramente abstractos hoje, como os de—justiça, liberdade, honra, progresso—não os possuem; e as ideias vagas, que, ás vezes, delles chegam a ter, ligam-se fortemente a um ou outro symbolo material. O que é tangivel vem primeiro, depois o que resulta de um esforço da reflexão. Passamos assim do concreto para o abstracto. E este principio implica tambem a marcha «do próximo para o remoto». Esta deverá ser entendida—«no espaço», e não «no tempo», onde a ordem chronológica talvez fosse preferivel. As cousas próximas caem sob o dominio da observação, e, uma vez conhecidas, servem de termo de comparação para o conhecimento das que se acham afastadas.

O quarto principio enunciado—do todo para as partes—é o fundamento do método analytico, de que tanto se fala em nossas escolas. Com effeito, a primeira impressão, que recebemos de qualquer cousa, é uma impressão de conjuncto, produzida pelos caracteres mais salientes, uma impressão syncrética. Em um pomar, depara-se-nos uma árvore desconhecida: o tamanho, a forma, a côr e o aspecto do tronco reúnem-se em uma única imagem, mal definida, que nos impressiona. Só depois deste momento, o espirito desce a examinar particularmente a flôr ou o fructo, as folhas, a madeira, recebendo de cada uma destas partes uma nova impressão de conjuncto, que a análise vae decompondo cada vez mais. Terminada esta, conhecidas todas as partes, o espirito as reúne, em um movimento de syn-

these, e reconstrue a árvore. Agora, tem ella no cérebro, uma imagem muito mais clara que a primitiva.

A' generalidade das crianças, as cousas deixam somente impressões syncréticas. Raros são os espíritos analyticos; muito mais raros os que baixam a análise até as minúcias. Os adultos padecem do mesmo mal. Certifique-se disto quem quizer, perguntando a um amigo: Quantos degraus tem a escada da escola, que você sobe todos os dias? Quantos vidros têm os caixilhos de cada janela de sua sala de visitas? Que forma tem o orifício que se vê no alto da porta da igreja?—E até perguntas como estas ficarão sem respostas: De que côr são os olhos de seu amigo Fulano? Você hontem esteve com Paulo muito tempo, notou o calçado que elle trazia?—Conhecemos as cousas *por cima*, e contentamo-nos com isso. A necessidade nos conduz, ás vezes, ao exame das partes; não apparecendo a necessidade, dispensamo-nos desse trabalho. Antes das partes, porém, recebemos a imagem ou a ideia do conjuncto: e esse é o ponto de partida. Na escola, os alumnos conduzidos pelo mestre, deverão analysar com cuidado, descrevendo os objectos verbalmente ou por escripto e sempre que possivel, desenhando-os, para melhor os gravar.

Não ha embaraços na processuação deste método; as divergencias e difficuldades apparecem apenas na determinação do «todo»; e apparecem porque se suppõem estes princípios mais geraes do que o são na realidade. Applicaveis na maioria das disciplinas, deixam, entretanto, de o ser em algumas, onde não só se poriam em opposição a outros, como contrariariam a marcha psychológica de aquisição dos respectivos conhecimentos. Assim, em geographia, o princípio em questão levar-nos-ia a procurar ter uma ideia do universo, para descer depois á terra, estudá-la como astro, separando o envólucro gazoso da camada aquosa e da crosta sólida; em seguida dividir estas partes e tornar a dividir para, por último, estudar cada uma cellas em separado. Seria erro evidente; não só deixariamos de seguir a marcha que o espirito, entregue a si, seguiria, como tambem iriamos de encontro ao princípio que manda caminhar do próximo para o remoto, ou do conhecido para o desconhecido. O «todo», parece-nos, deve ser encarado como uma unidade nas quantidades descontínuas, que os sentidos possam apanhar com um só de seus golpes: entre rosas, seria uma rosa; entre laranjeiras, uma laranjeira; entre animaes, um animal. Onde a dúvida estabelecer-se, o princípio não tem applicação segura.

Por último examinaremos a marcha «do particular para o geral», a marcha inductiva, que, sem envolver a obrigação da redescoberta, dá ao estudante, entretanto, a illusão de o fazer, e por isso fixa precisamente o aprendido, com maiores probabilidade.

des de applicação. Seremos um pouco extenso e tão claro quanto possível. Vamos expôr o modo pelo qual um conhecimento novo é ministrado á classe, acompanhando o desdobrar do pensamento do mestre e a elaboração mental dos pequeninos. Não percamos de vista que, guiando as crianças, através da indução, devemos obedecer aos princípios acima enunciados, isto é, nosso ponto de partida será—o facil, o concreto, o próximo, o todo, o particular, o que é mais ou menos conhecido; e caminharemos para o difficil, o abstracto, o remoto, as partes, o geral, para o que é desconhecido.

*
**

Os que, por sympathia pessoal, leem estas linhas, pois não creio que outros motivos levem alguém a percorrê-las, notam logo que também eu *herbartizo* largamente, como o faz todo o mundo pedagógico contemporâneo. O egrégio mestre já dominou os paizes mais avançados em civilização e invade agora as nossas escolas, abrindo a professores uma vereda nova e convertendo em prazer para os alumnos o que outr'ora lhes foi pesado encargo. Já illuminou elle muitos conceitos aqui expostos, e ainda será o guia de nossa conducta ao processar as lições aos principiantes. Sigamo-lo em seus *momentos de ensino*, em seus *passos formaes*, denominados por seus discípulos:—intuição, comparação, generalização, applicação.

O primeiro passo ou momento compreende duas phases:—a *preparação* e a *apresentação*. Na primeira, o professor reúne o material necessário—objectos, gravuras, quadros—de modo a poder concretizar o mais possível o assumpto a ser estudado; e, depois, obedecendo ás regras de apercepção, conversa com a classe, sobre esse assumpto, para avivar-lhe os conhecimentos que, sobre elle, já possua, e aos quaes se irá prender, ampliando-os ou preenchendo lacunas, o novo conhecimento a ministrar-se. Verse a lição sobre «oceanos e mares»; pois bem, para os que vivem no interior, a preparação material consistiria em colleccionar gravuras, globos e mappas; e a preparação oral, em conversar com os alumnos a respeito de tanques, açudes, lagos, rios, plantas e animaes aquáticos que elles já tenham visto. Serão óptimos auxiliares as crianças que tenham viajado por mar ou estado á beira d'elle, ou assistido, em cinema, á passagem de fitas desse gênero. Uma vez feita a preparação, entra-se na segunda phase, *apresentando* a lição á classe. Faz-se agora a *descripção* do objecto, com o auxílio do material colleccionado. O professor, com perguntas adequadas, excitando quanto possível a curiosidade, levará a classe a dar respostas que, ligadas descrevam o objecto da lição. Assim, no caso figurado, estudar-se-ão

as praias arenosas, os rochedos vários, a côr das aguas, seu sabôr, as ondas, as phosphorescencias, as marés, a profundidade, relevo do solo immerso, fauna marinha e flôra, massa da-gua, extensão, e ainda o oceano como via larga de communicacão entre os povos de todas as partes do mundo. Está claro que só ideias muito elementares devem ser dadas, somente aquellas que possam ser assimiladas e retidas sem difficuldade. Não deve ter pressa o professor: estas noções são os materiaes da construcção, devem ser claras e bem gravadas para serem duradouras. A pressa é incompativel com o bom ensino. Finda aqui o primeiro momento.

A comparação constitue o segundo passo. Não ha entre o primeiro e este ùa linha precisa de limites, não se nota entre elles uma soluçãõ sensivel de continuidade. O processo acquisitivo complica-se gradualmente, lentamente, mas os conhecimentos continuam a ser intuitivos e directos, porque decorrem ainda da observacão. Aqui o professor aproxima objectos ou sêres diversos, entre os quaes alguns exemplares de ùa mesma espécie ou de um mesmo gênero; e os alumnos, analysando-os, um a um, destacam as qualidades communs a estes últimos. Taes qualidades são um laço de semelhança, que os prende entre si, differençando-os de outros, ao mesmo tempo. Começam as abstracções rudimentares com esta funcção mental de agrupar cousas por meio de attributos, que todos possuem, e de afastar esta ou aquella, em virtude da ausencia do attributo geral. Na lição, acima supposta, a impossibilidade material de conduzir a classe á observacão *in natura* de vários oceanos e mares, obrigaria o professor a auxiliar grandemente os alumnos para que elles o fizessem nas cartas geographicas. A extensão da massa líquida e sua posição, em relação aos continentes, seriam apannadas, completando o mestre as falhas ou deficiencias da observacão. Diga-se aqui de passagem que estes *passos do ensino* não se applicam a todas as disciplinas de modo idêntico e com iguaes vantagens; umas se prestam mais e outras menos a este ou áquelle passo. O exemplo, que vimos dando, não se presta para o segundo passo: o conhecimento dos oceanos e mares é quasi individual. Si tratássemos de insectos, porém, seria facil obtermos muitíssimos espécimes e as crianças notariam, no exame de cada um, não possuirem ossos, terem o corpo formado de aneis e serem providos de seis pernas. Estas qualidades bastariam para differencá-los de uma aranha ou de um morcego. Com esta operacão o segundo momento se conclue.

Tem a criança accumulado algumas imagens particulares, relativas á questãõ de que nos occupamos. Alem de associadas no tempo e no espaço, começam ellas a associar-se por semelhança, justapondo-se, fundindo-se, para constituirem uma ima-

gem genérica, um novo conceito simples, que denuncia a transição para o terceiro passo, onde vamos generalizar essas noções, formando um novo conhecimento geral. Digo um novo conhecimento geral, porque, ao entrar para a escola, já possui a criança muitos conceptos elementares, muitas ideias geraes, e este conhecimento vem apenas ampliar ou corrigir os anteriores. Si houve cuidado e os dois passos anteriores dominaram com segurança os objectos apresentados, a indução ocorre naturalmente, sem esforço, e os pequeninos chegam, por este caminho, ás definições, ás máximas, ás regras, aos princípios, ás leis. Aqui a intelligencia humana começa a distanciar-se da intelligencia de outros animaes; nivelar-se-ia com a delles, entretanto, si não ultrapassasse o domínio das imagens genéricas. E', porém, na segurança das generalizações, que a superioridade de nosso poder mental se accentua, para distanciar depois em amplitude e clareza, das conclusões ás quaes por ventura chegam os brutos. As differenças de civilização entre indivíduos de ùa mesma época ou de épocas diversas, devem residir principalmente na qualidade, quantidade e extensão de suas generalizações. O terceiro momento do ensino, pois, é aquelle em que as crianças, convenientemente guiadas, observam uma determinada qualidade em cinco, seis ou oito objectos diferentes e affirmam, em seguida, que *todos* os objectos semelhantes aos analysados *possuem* a mesma qualidade; ou ainda, reconhecendo que os objectos dados possuem uma certa propriedade, affirmam a existencia da mesma propriedade em *todos* os objectos semelhantes. Note-se, com attenção, ser de grande conveniencia, no apprendizado activo, que as crianças encaminhadas, auxiliadas pelos mestres, cheguem ás conclusões, como si as houvessem descoberto por si, sem perceber que a elles devem dois terços da victória. Dar as definições, máximas, regras ou leis para depois expcá-las—é erro indesculpavel; enunciadas pelos alumnos, o professor corrige-as, para que possam ser memorizadas, em fórma conveniente.

E' a phase inductiva do raciocínio. Na primeira lição figurada, os alumnos terão observado, nos mappas, que oceanos e mares são vastas extensões de água; que essas águas cercam os continentes; e, por informação do mestre, saberão que a água é salgada. Esses três attributos, communs a todos, conduzí-los-ão a os definirem, dizendo: «Oceanos e mares são vastas extensões de água salgada que cercam os continentes.» E' uma generalização simples. Não seria difficil este passo em relação ao serem pequenos os animaes que lhe foram apresentados; terem o corpo claramente dividido em três segmentos, sendo o segundo delles formado por três aneis, dos quaes se destacam três

pares de patas, um de cada anel; serem providos de *um par de antenas*; e ainda, ás vezes, possuírem azas, ás vezes, não. Com estes recursos estarão aptos para definir os insectos, o que farão aproximadamente assim: «Insectos são animaesinhos que têm um par de antenas, seis pernas, o corpo formado de três partes, sendo a segunda constituída por três aneis, e que ora têm azas, ora não.» Si o mestre julgar conveniente, simplificará a definição que é muito descriptiva; nisto, entretanto, nenhum mal se deve ver. Os exemplos poderiam ser multiplicados com máximas extraídas de trechos de leitura, com a enunciação de uma regra, como a da somma de fracções que têm denominadores differentes; ou de uma lei, como a da dilatabilidade dos corpos por effeito do calôr. Não vejo, porém, necessidade de o fazer.

Até aqui geralmente, por este ou por outro caminho, chegam as nossas escolas. O quarto e último passo—a applicação—não tem, entretanto, merecido de todos o mesmo cuidado. E nós aprendemos para applicar, procuramos *seber* para *poder* agir. Si nossos conhecimentos não nos impellem á acção, não nos orientam a *conducta*, de modo a preenchermos todos os nossos fins na vida, são nulos esses conhecimentos e não somos compensados dos sacrificios feitos para adquiri-los. Mas... digamos primeiro em que consiste esse passo e depois voltaremos aos commentários de seu valôr educativo. Alcançada inductivamente a máxima, *uma definição, uma regra, uma lei*, o espirito, que chegou a essas generalizações, que são laços enfeixando grupos de noções, *círculos completos* de conhecimentos, poderá voltar ao particular, onde iniciou o estudo dos mesmos, reconhecendo e integrando devidamente cada *objecto* ou cada *facto*, no feixe ou no círculo a que pertence. São as applicações. Na lição figurada, «oceanos e mares», em que as noções são quasi individuaes, o trabalho do alumno é de um méro reconhecimento dos indivíduos particulares, com os quaes travou conhecimento. Entretanto, o estudo dos oceanos e mares que banham a América, por exemplo, facilita sobremaneira o exame das cartas de outras partes do mundo, bastando agora tão somente gravar os nomes, segundo as localizações. Na segunda lição figurada, a applicação é de uma clareza e de um valôr evidentes. Apanhamos um gafanhoto e uma aranha e convidamos um alumno a examiná-los. O pequeno dirá logo: «Este (o gafanhoto) é um insecto, porque tem um par de antenas, três pares de pernas e o corpo dividido em três segmentos. Este outro não é insecto.» O estudante reconheceu e integrou, em um grupo de animaes, um animal particular que lhe demos. Mais um caso: Percorremos, em manhã fria, um trecho de estrada de ferro. Vemos as pontas dos trilhos afastadas,

uma de outra, **um centímetro ou mais. A's duas horas da tarde, voltando, pelo mesmo caminho, notamos que as pontas estão unidas. A's crianças que nos acompanham perguntamos a razão desse phenómeno. «E', dizem ellas, que os trihos se dilataram por effeito do calór, porque os corpos, quando se aquecem, augmentam de volume.»**

Não attingindo este fim, as escolas falham em seus intuitos. Desde cedo, desde o primeiro anno de estudo, o apprendizado de cada questão, que comporta esta marcha, só estará terminado com o quarto passo. As artes, em geral, não obedecem a esta orientação; algumas lições de sciencia tambem, como ficou dito, escapam a este molde que, embora largo, não pôde abrangê-las todas. Tanto quanto possivel, porém, estes trâmites devem ser seguidos, porque elles representam a repetição, abreviada pelos mestres, do que fariam os pequeninos entregues a si. E' a natureza agindo sob um impulso favoravel; e, si a natureza tem força para realizar os seus fins, esta força é multiplicada muitas vezes, quando encontra o auxílio intelligente do homem. Não nos escravizemos, entretanto, a esta orientação: dê-nos ella somente a directriz e deixe-nos liberdade de acção, dentro da linha traçada. Nem é outra cousa o que nos ensina Dewey quando, estudando o valôr educativo dos jogos, diz: «O professor deve ser absolutamente livre de buscar suggestões em qualquer ou em todas as fontes, reclamando, porém, estas duas condições:—O modo proposto do jogo applica-se á criança, como si elle fosse o seu próprio modo? E' alguma cousa da qual ella tenha as raizes instinctivas em si mesma e que faça amadurecerem as capacidades que estão lutando nella para manifestar-se? Ainda mais—A actividade proposta dá a esses impulsos a natureza de expressão que conduzirá a criança a um plano mais elevado de consciencia e de acção, em vez de meramente excitá-la e depois abandoná-la, como antes, e com a carga a mais de um cansaço nervoso e appetite para mais excitação no futuro?»—E nós responderemos: A marcha aqui proposta tem suas raizes instinctivas na alma da criança, e conduz os pequenos a um plano superior de consciencia e de acção, fazendo amadurecerem as capacidades que nelles lutam por manifestar-se; logo, satisfaz ás condições exigidas.

Impõe-se, hoje, por outro lado, o ensino utilitário: e util é tudo quanto pôde ser applicado em beneficio do individuo e da sociedade. O ensino elementar não se comprehende de outra fórma. E ainda mais, para a completa eficiencia do apprendizado, a applicação deve começar na escola, desde as primeiras noções recebidas. «A criança está em constante procura de expressão para suas sensações e por isso a face senso-motora da mente deve ser cultivada como a face senso intellectual.» Não se de-

verá ver na vida escolar um período de preparação para a vida subsequente, preceitua De Garmo, mas sim uma parte desta mesma vida. A escola deverá ser a sociedade em miniatura, pois assim a transição entre ambas será mínima, a passagem será quasi imperceptivel. Apparelhemos nossas escolas de accôrdo com estas ideias e «ellas coordenarão os poderes sensoraes e motores que, ligados a uma educação intellectual bem sólida e concreta levarão as crianças, para fóra da escola, como de uma para outra phase da vida, sadias e vigorosas de corpo, claras de pensamento e promptas na acção.»

*
* *

Aqui termino minhas considerações sobre o aprendizado activo. Parece que elle ainda não foi bem comprehendido entre nós e que sua applicação cuidadosa é a mais urgente reforma que reclamam nossas escolas. Attenderíamos deste modo á face qualitativa do grave problema da educação popular; a quantitativa tem o franco desvelo de todos. Para encerrar, summarie-mos este capítulo.—Dissemos, ao começar, que, definidos os fins do ensino, o método é a questão pedagógica essencial; affirmámos, em seguida, não haver aprendizado sem attenção e nem attenção sem interesse; expuzemos ahi o desdobramento do interesse na espécie, comparando-o com a marcha do interesse individual; continuámos mostrando como, de accôrdo com o interesse, se prepara e se desenvolve a attenção aperceptiva; depois resumimos, em princípios fundamentaes, as vias de aquisição de conhecimentos que seguiu o espirito humano, através dos tempos, mostrando serem aproximadamente as mesmas seguidas pela criança; processámos uma lição, do primeiro ao último passo; e terminámos repetindo que todo o conhecimento adquirido deve ter uma applicação immediata, que o torne um instrumento valioso na luta pela vida em sociedade.

JOÃO TOLEDO

(Da 12.ª paeira)

S. Carlos, outubro de 1919.

A REPUBLICA NO BRASIL

Conferencia realisada a 15 de Novembro de 1919, em Ribeirão Bonito, pelo dr. Dagoberto Salles, lente da 10.ª cadeira da Escola Normal Secundaria de São Carlos.

Não é facil discorrer sobre a data que hoje commemoramos. Em geral, as considerações em torno deste dia, nas nossas festas civicas, limitam-se ás declamações rethoricas, com os lugares communs já conhecidos: «o Brasil integrado na communhão republicana do continente, depois da queda do throno, planta exotica na America; o povo brasileiro senhor, finalmente, da unica fórmula de governo consentanea com a dignidade dos povos cultos, e a ordem e o progresso a presidirem a nossa marcha ovante para o futuro». O lado propriamente historico do facto costuma ficar esquecido ou, então, quando não esquecido, lamentavelmente deturpado. Resulta dahí muito pouco interesse pelas commemorações desta data. E, o que é peor, nessas commemorações nada de util se transmite ás gerações que despontam e que precisamos educar.

Não se faz civismo, porque a fórmula dos discursos preoccupa mais do que o fundo. Não se educa, porque a obsessão do panegyrico e das hyperboles mata a observação historica. Por outro lado, abandonar essa trilha muito batida pela nossa eloquencia nas festas deste dia, para procurarmos, em phrases sem retumbancia, fazer trabalho consciencioso de analyse historica, para dessa analyse tirarmos as conclusões applicaveis á hora actual, á quadra que atravessamos, póde ser imprudencia que se não deva commetter, attitude condemnavel na situação em que vivemos.

Eis porque affirmamos ser difficil discorrer sobre o dia de

hoje. Confessamos que o processo commum, gasto pela nossa oratoria nesta data, repugna á nossa consciencia. E nessas condições é forçoso adoptarmos a orientação n'ova já alludida, muito embora ella offereça perigos e esteja acima de nossa competencia. Além do mais, ha em nós um motivo poderosissimo que nos impelle para essa attitude, e vem a ser a convicção que nutrimos a proposito da efficiencia dos ensinamentos de ordem civica, proporcionada por um estudo consciencioso dos factos historicos que festejamos. Nenhuma data da nossa historia offerece, como o 15 de Novembro de 1889, assumpto mais vasto e mais rico para as dissertações patrioticas, applicaveis á actualidade e, portanto, ao fim educativo que nestas commemorações devemos t'er em vista. E' lamentavel mesmo que não celebremos o nosso 15 de Novembro com a mesma frequencia e o mesmo enthusiasmo com que celebramos o 13 de Maio e o 7 de Setembro.

Fossem frequentes as festas civicas neste dia; não decahissem ellas, como costumam decair, lamentavelmente, para o terreno da pura declamação de phrases feitas; habituassem o brasileiro a conhecer o seu passado democratico, a ouvir a historia da proclamação do governo do povo pelo povo, e a se aperceber das necessidades do momento, para não desmentir esse passado e para ser digno da Republica; fizessemos isso sempre neste dia e, por certo, bem outra seria a educação civica dos nossos patricios e bem melhor a nossa situação politica. Não trazemos para aqui, entretanto, intuitos de innovador ou de censor. Expomos apenas, e com franqueza, o ponto de vista em que nos collocamos, nesta solemnidade, para levarmos a cabo a tarefa que accitamos e que muito nos honra. E' quasi certo não atingirmos a meta collimada, por exclusiva culpa n'ossa. Seja, porém, levada á nossa conta a intenção que é b'oa.

Senhores :—O ideal republicano no Brasil vem de muito longe. Não ha compendio de historia patria que não alluda ao fermento das idéas democraticas no paiz, em pleno regimen colonial. Inspiradas pelas leituras dos philosophos francezes do seculo XVIII, incentivadas com o exemplo da independencia dos Estados Unidos, santificadas pe os soffrimentos e pelas iniquidades oriundas do absolutismo, essas idéas produziram entre nós, antes da independencia, a Conjuração Mineira e a Revolução Pernambucana de 1817.

«A sociedade intelligente, os circulos litterarios do Brasil, naquelles tempos, anhelavam pela liberdade; e para elles a liberdade era a Republica». (1)

(1)—Justiniano José da Rocha. «Acção, Reacção, Transacção», pag. 19, 2a. edição.

E a Republica não se concretizou em facto, ao proclamarmos a nossa independencia, por circumstancia toda especial,— por ter sido a nossa emancipação politica obtida com o auxilio de um príncipe. Tão forte, porem, e tão grande era essa aspiração naquelle tempo, que o mesmo príncipe, o proprio D. Pedro I, no afan de angariar para a sua corôa as sympathias dos brasileiros, rendeu culto cavalheiresco ao ideal nacional dizendo que *se o Brasil quizesse ser republicano elle não teria duvida em ser o primeiro cidadão dessa Republica.*

A historia do primeiro reinado está cheia de exemplos comprobatorios da predominancia na alma nacional dos ideaes democraticos. D. Pedro I não guardou por muito tempo as sympathias dos seus governados. E, já na primeira Assembléa Constituinte que tivemos, a vontade da nação dominou avassaladora, transbordando em iniciativas do mais avançado liberalismo, ao ponto de ameaçar a segurança do proprio throno e de o obrigar a se defender com um acto de força: o decreto de dissolução da Constituinte.

Abalou-se profundamente a consciencia nacional, assim em franca luta com o poder constituido e por elle ferida com inaudita violencia. Não se fez esperar, por isso, a necessaria voz de protesto. Levantou-se a Confederação do Equador, com as armas nas mãos e com a bandeira republicana desfradada. Suffocada em sangue, não morreu a aspiração liberal dos brasileiros.

Que foi a abdicção senão a explosão victoriosa do espirito democratico do nosso povo, em busca de novas fórmulas de governo, onde pudesse crescer livremente? E' verdade que todos no Brasil, em 1831, monarchicos, republicanos ou exaltados e o exercito uniram-se para combater o monarcha. O movimento, porém, foi francamente republicano. E não fôsse a contramarcha victoriosa do elemento moderado, separando-se dos exaltados; não fôsse a ordem do senador Vergueiro mandando dar vivas a «Pedro II, imperador constitucional em menoridade», (1) e já naquele tempo teriamos a Republica. Não é sem razão que Theophilo Ottoni na sua «Circular» qualifica o 7 de Abril de uma verdadeira *ournée des dupes*. «Projectado por homens de idéas liberaes muito avançadas, jurado sobre o sangue dos Canecas e dos Ratclifes, o movimento tinha por fim o estabelecimento do governo do povo por si mesmo, na significação mais lata da palavra», diz esse notavel politico mineiro. Acharam, entretanto, os moderados, ao se apoderarem da direcção dos acontecimentos, uma fórmula habil para refrear as impaciencias dos exaltados. «Aos famintos de republica dizia-se:

(1) Conselheiro C. B. Ottoni. «O advento da Republica no Brasil», pag. 68.

Para que precipitações? O throno é um berço; temos pois todo o tempo de preparar o paiz para esse governo republicano, tanto mais nobre, tanto mais excellente, quanto se assenta em **illustração e em virtudes**, que o povo brasileiro irá adquirindo nos longos dias da **menoridade**». (1)

E, em parte, assim foi de facto. O periodo regencial pôde ser considerado como uma verdadeira experimentação republicana no Brasil. Nelle a acção democratica, forcejando pela federação e produzindo o Acto Adicional, se fez sentir de maneira dominadora. E venceria por certo, supprimindo o throno, ou por força do seu predominio no parlamento, ou pela força das armas, já manifestada, desde 1835, na guerra dos Farrapos, se mais uma vez, uma circumstancia toda fortuita, a morte na Europa de Pedro I, não viesse em soccorro do principio monarchico, facilitando e promovendo aqui uma concentração em torno do poder que periclitava. Essa época é uma das mais bellas da nossa historia. O estadista que appareceu então nunca mais teve no Brasil um outro politico que o igualasse. Bernardo Pereira de Vasconcellos arvorou a bandeira do *regresso*, fundou o partido conservador e iniciou contra as idéas democraticas ou republicanas, que dominavam a scena politica do paiz, a reacção monarchica. Impossivel acompanhar nesta conferencia, com a devida e merecida attenção, a luta do gigante contra a onda democratica, francamente demagogica, que inundava o paiz. Bernardo Pereira de Vasconcellos venceu. Venceu o proprio Feijó, o pulso de ferro dos primeiros tempos da regencia, quando ministro da Justiça. E, vencendo, Vasconcellos preparou o advento do segundo reinado.

A sua obra produziu mais do que desejava, porque a agitação a favor da maioridade, essa originalissima luta parlamentar tramada para collocar no throno o monarcha que não tinha ainda 15 annos, não teve o seu apoio. Vingou contra a sua vontade, acarretando-lhe a queda do poder, e, talvez mesmo, surprehendendo o genial estadista pela subita revelação do elevado ponto a que tinha attingido no paiz a reacção monarchica. E dahi por diante a monarchia não encontrou mais óbices para se installar no Brasil. A idéa monarchica triumphou. Triumphou na legislação, supprimindo muitas das regalias liberaes outorgadas ao paiz no periodo regencial, e iniciando, assim, com essas suppressões, a centralisação administrativa do Brasil em proveito da estabilidade da corôa. Triumphou nos campos de batalha, fortemente amparada por Caxias.

(1) Justíniano José da Rocha. «Acção, Reacção Transacção», pag. 36.

Abandonados, (1) os Farrapos capitularam honrosamente e depuzeram as armas em 1845. Nenhum outro movimento revolucionario, com caracter republicano, veio perturbar, depois desse, a tranquillidade do reinado de Pedro II.

E completou-se o trabalho da reacção monarchica. Onde a democracia havia posto um elemento seu, a reacção collocou um elemento opposto. Foi no regimen eleitoral, conta Justiniano José da Rocha, que a reacção mais habilmente conseguiu os seus intuitos. «Não houve mais comícios. Substituiu-os a fraude, a corrupção e a coacção das autoridades. (2)

E uma vez que nos estamos servindo de opinião do notavel jornalista, concedamos ao mesmo a palavra. Attentemos para o seguinte quadro que elle desenha: «Na sociedade brasileira organizada pela democracia, toda a força, toda a autoridade partia das freguezias, dos municipios, da eleição local, do povo; camara municipal electiva e quatriennial; juizes municipaes, de orphãos, promotores eleitos pelas camaras; jury por ellas qualificado; juizes de paz electivos e annuaes; assembléas provinciaes electivas, quasi soberanas no seu poder de legislar, dominando a magistratura pela faculdade de demittir os juizes de direito, invadindo o executivo pela nomeação dos vice-presidentes: e para proteger essa ordem de cousas nada de exercito: serviam os cidadãos armados na guarda nacional, obedecendo os chefes de sua confiança, e a elles dependentes pela necessidade de reeleição. Na sociedade organizada pela reacção a influencia da localidade desapareceu; tudo partito do governo, tudo ao governo se ligou, o governo foi tudo, e tanto que hoje não ha brasileiro que mil vezes por dia não manifeste a convicção de que a sociedade está inerte e morta, de que só o governo vive. E por isso ao governo se dirigem todos os votos, todas as aspirações a melhoramento, o governo é por todos invocado até quando se quer, para divertimento da capital, contractar cantoras e bailarinas» (3) Incontestavelmente o quadro impressiona e é verdadeiro. Traçado em pleno governo de Pedro II, para o effeito de provocar a resurreição do espirito democratico e a consequente transacção entre essa idéa e a monarchica, esse magistral estudo ap-

(1) «Em 1844, propondo Caxias aos Farrapos condições a elles vantajosas para deporem as armas, o General Canavarro mandou á Côrte um emissario a consultar com Theophilo Ottoni e A. Carlos Andrada. Foi meu hospede este emissario, de cuja bocca ouvi os termos da consulta. Se lhes dessem esperança de levantamento de outras provincias, elles, Farrapos, se sustentariam; mas, abandonados como até então, muito lhes convinham as condições offerecidas. O conselho foi de deporem as armas.» *Conselheiro C. B. Ottoni. «O advento da Republica no Brasil», pag. 70.*

(2) «Acção, Reacção, Transacção», pag. 70.

(3) Idem, pag. 70.

plica-se a todo o segundo reinado. Na direcção politica do paiz, durante a monarchia, aquillo que era do povo nunca mais lhe foi restituído. Os proprios partidos monarchicos, que se revezavam no poder, deixaram de ter significação no terreno das doutrinas e dos principios.

Era somente a vontade do monarcha que os elevava e os apeava do poder, nisso não influindo os principios, os programas e a vontade da nação. E assim, sem idéaes, essas forças politicas, em jogo no systema monarchico, visando todas ellas as boas graças do imperante, só contribuíam, entre nós, para a implantação ostensiva do poder pessoal e para o desaparecimento das virtudes civicas. Do estado a que chegou no Brasil o systema representativo, naquelle tempo, guarda a historia um depoimento precioso e que fez época: o celebre discurso de Nabuco no Senado a 16 de Julho de 1868. Exclamou esse notavel parlamentar: «Vêde este *scrites* fatal, este *scrites* que acaba com a existencia do systema representativo;—o Poder Moderador pôde chamar a quem quizer para organizar ministerios; esta pessoa faz a eleição, porque ha de fazel-a; esta eleição faz a maioria. Eis ali está o systema representativo do nosso paiz.» (1)

Não podia ser mais completo o triumpho da reacção monarchica. Inutilmente esse triumpho conseguia alarmar alguns clarividentes da época, arrancando-lhes venementes apostrophes contra a usurpação do poder. Como o *scrites* de Nabuco, ficaram celebres as attitudes de Tito Franco, na sua «Historia Politica Contemporanea», de Torres Homem (Timandro), no seu «Libello do Povo» e de Ferreira Vianna, na sua «Conferencia dos Divinos».

Essas attitudes, porem, em contraste flagrante com a attitude da nação, calma, submissa, annullada, não se sustentavam, hostilizadas como eram pelo proprio meio. Dahi os ruidosos arrependimentos que assignaiavam a volta ao aprisco, sempre acolhedor, das ovelhas tresmalhadas. E dahi, a continuação desse lamentavel estado de coisas, dessa perigosa estagnação do ambiente politico, que a monarchia implantou no Brasil e que até hoje, desgraçadamente, persiste. Urgia, no entanto, uma outra reacção eahi reacção republicana, contra o principio monarchico invasor.

E dizemos reacção republicana, porque era a unica que o paiz reclamava, para se collocar de accordo com as suas proprias tradições e fazer, politicamente, uma evolução completa.

Não queremos com isso negar a possibilidade de progredir a forma monarchica no sentido liberal, prestando-se ás refor-

(1) Joaquim Nabuco, «Um estadista do Imperio». Vol. III, pag. 124.

mas para esses progressos necessarias. Mas á corôa não sorriam essas refôrmas, ou porque o monarcha não quizesse abandonar prerogativas extraordinarias, ou porque, receando a rapida propagação, com as franquias liberaes, das idéas democraticas, julgasse a Republica o termo final da ascensão dessas idéas. Ao demais D. Pedro II, se como homem notabilisou-se pela pureza do seu character e pelo seu grande coração, muito deixou a desejar como estadista. A paz dos charcos, em que viviamos, era para elle um motivo de orgulho. E todo o seu esforço no terreno politico cifrou-se em conservar os seus dois vélhos partidos, revezando-os no poder para puro effeito decorativo. Accusaram-no até de procurar annullar systematicamente os homens notaveis do seu tempo, como Euzebio de Queiroz, por exemplo, o autor deste conceito: «Quem foi ministro do snr. D. Pedro II é preciso que não tenha vergonha para sê-lo segunda vez.» Essa politica, se existio de facto, devia obedecer ao programma de um dos gabinetes do segundo reinado: *parcere subjectis et debellare superbos*. (1) E deveria ter sido a causa mais poderosa da decadencia da nossa educação civica.

Foi nesse ambiente ingrato, que, para honra eterna do nome brasileiro, surgiu em 1870 o partido republicano, fundado pelos espiritos liberaes mais avançados da época.

Não ha quem não conheça o celebre manifesto que esse partido lançou á nação. Foi com elle que começou no Brasil, de novo, a acção da democracia,—acção que parecia impossivel, porque, desde o triumpho no paiz do principio monarchico até a data citada «só tivemos pela Republica votos individuaes e sem echo na população». (2) Não podemos aqui fazer o historico desse bello periodo da nossa vida politica. Mas não devemos deixar de consignar que não estava morta, de todo, a consciencia liberal da nação, encontrando a propaganda republicana alguma acceitação nos principaes pontos do imperio.

Aqui em S. Paulo ella repercutio immediatamente na Convenção de Ytú e no Congresso Republicano, reunido na Capital. E com tanta tenacidade os adeptos e chefes da nova idéa se houveram na propaganda dos seus ideaes, que, annos depois, em 1884, mandaram tres representantes á Camara dos Deputados. E' que, pelos jornaes e nas conferencias que realisavam em toda a parte, nessa grandiosa tarefa de evangelisação democratica, iam os republicanos educando o nosso povo, levantando o nivel moral da politica brasileira, transfundindo-lhe a belleza

(1) «Perdoar os que se submettem e subjugar os soberbos.» Declarações, no Senado, do presidente do gabinete liberal de 2 de Fevereiro de 1844.

(2) Conselheiro C. B. Ottoni. «O advento da Republica no Brasil» pag. 70.

das idéas e dos principios. Honra eterna a esses abnegados patriotas, que assim ultrapassaram em muito o nivel commum dos homens da época e, surdos aos motejos dos que não queriam a pécha de ideologos, dispuzeram-se a um nobre sacrificio a favor do futuro da patria.

Será preciso dizer-lhes os nomes? Saldanha Marinho, Aristides Lobo, Quintino Bocayuva, Benjamin Constant, Francisco Glycerio, Campos Salles, Prudente de Moraes, Silva Jardim, Ubaldino do Amaral, e tantos outros foram os guias, os chefes, os iniciadores dessa tarefa formidavel que devia sacudir e despertar a consciencia da nação e leval-a a se governar por si mesma. Enormes, porém, eram os obstaculos a vencer. O maior delles a combater era a seducção do poder, actuando nas fileiras do novo partido e abrindo nessas fileiras claros difficéis de serem preenchidos, como o produzido pela deserção de Lafáyet-te Rodrigues Pereira. E resalta com uma evidencia insophismavel, para o observador imparcial dessa época, que, dadas essas difficuldades e bem consideradas as condições geraes do Brasil nesse tempo a Republica não poderia triumphar com rapidez.

Para esse triumpho muito havia que esperar e vencer, numa evolução natural de acontecimentos. Ha, aliás, um facto dessa época que vem illustrar eloquentemente a affirmação que acabamos de fazer. Foram as eleições para a renovação da Camara dos Deputados, realisadas em Outubro de 1889.

Estava o partido republicano sensivelmente engrossado com a adhesão dos que tinham sido prejudicados pela abolição da escravidão. Lavrava nas suas fileiras entusiasmo desusado; e, nas eleições que se aproximavam, pretendiam os republicanos dar uma decisiva prova do pezo das idéas democraticas na opinião nacional.

O poder soffria ataques formidaveis pela imprensa, sobre-sahindo nesses ataques a penna de Ruy Barbosa, no «Diario de Noticias», unido o grande brasileiro a Saraiva contra o Visconde de Ouro-Preto, chefe do gabinete de 7 de Junho. Tudo concorria, portanto, para um esplendido successo republicano nas urnas. Travou-se o pleito. E os republicanos, inteiramente derrotados, nenhum deputado elegeram. O poder enfrentou, victorioso, republicanos e conservadores. Empregou, é verdade, para conseguir esse resultado, a corrupção, em larga escala, derramando condecorações, patentes da Guarda Nacional, e espalhando dinheiro, sob pretexto de auxiliar a lavoura. Mas venceu. E, vencendo, provou que a nação não estava preparada para receber e, muito menos, para fazer a Republica.

Aconteceu, porém, que as nossas classes armadas, principalmente o nosso exercito, estavam naquella tempo em franca desintelligencia com o governo.

Lavrava de ha muito profunda animosidade entre os quartéis e os poderes constituídos. Escapa aos limites desta conferencia a investigação das causas desse facto. Todavia sempre diremos que elles remontam á guerra com o Paraguay, onde o nosso exercito e a nossa marinha cobriram-se de glorias impeciveis, impondo-se á gratidão nacional e conquistando no paiz uma situação verdadeiramente privilegiada. Finda a guerra, porém, e após «uma longa paz de vinte annos, volveram os militares ao estado anterior, aos soldos ordinarios e lentas promoções. D'aqui o descontentamento e desconfiança contra as outras classes da sociedade, que começaram a considerar como adversarios. Pouco a pouco foi calando nos animos da officialidade este pensamento infeliz, *os homens políticos são inimigos dos militares.*» (1) E desse estado d'alma, predominante sobretudo nas altas patentes do exercito, nasceram as famosas questões militares dos ultimos tempos da monarchia. Diversas vezes os militares abriram conflictos com o poder civil. Os casos «Apulchro de Castro», «Senna Madureira», «Cunha Mattos», «Leite Lobo», «Tenente Carolino», a recusa formal do exercito, quando designado para effectuar prisões de escravos fugidos, e muitos outros pequenos incidentes vieram mostrar o espirito de rebeldia das nossas forças armadas perante o poder civil. Em alguns desses casos até, quando solucionados, o prestigio do governo sahio fortemente *arranhado*, para usarmos de uma expressão da época.

Precisamos considerar tambem que o marechal Manuel Deodoro da Fonseca, o official de maior prestigio, então, no exercito, esposou a causa da sua classe, nesse sentido se manifestando francamente.

O gabinete de 7 de Junho, que vencera os republicanos, julgou-se tambem capaz de submeter o exercito.

Em vão a advertencia do tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, em famoso discurso pronunciado na Escola Militar, onde era professor e onde *prégava* abertamente a Republica, mostrou o perigo de se tocar no exercito, protestando contra a pécha de indisciplinados, insubordinados e desordeiros, que os partidarios do governo atiravam constantemente á face do exercito, e accrescentando que elles seriam sempre cidadãos armados, nunca, porém, *janizaros*.

Não se intimidou o chefe do gabinete com a ameaça e energicamente iniciou a politica delineada para conseguir o que Feijó conseguira, como ministro da Justiça no periodo regencial: a annullação das forças armadas.

(1) Conselheiro C. B. Ottoni. «O advento da Republica no Brasil», pag. 32.

E provocou com essa politica uma ultima questao militar e, com essa questao, o levante de 15 de Novembro de 1889.

O marechal Deodoro, como se sabe, chefiou o movimento. E sabe-se tambem que a sedicao fora planeada, não contra o throno e sim contra o ministerio de 7 de Junho. «Até as vespersas do rompimento não se tratava entre os militares da mudança de fórma de governo, nem de refórmias politicas; sómente reclamavam contra injustiças que allegavam, e em que viam a exautoração da sua classe. E' tambem sabido que, ha muito, alguns chefes republicanos de S. Paulo, e dous ou tres da capital alliciavam o marechal para que dêsse ao projectado movimento uma côr politica e democratica.» (1) E o historiador insuspeito, ao qual recorremos, termina dizendo que foi Benjamin Constant quem logrou converter Deodoro. Vencida essa difficuldade e passado o minuto do gesto valente do Barão de Ladorio, a Republica se fez nessa jornada de 15 de Novembro, com uma felicidade que assombrou. Ruiram as instituições monarchicas; e, desde essa data até hoje, vivemos sob uma adiantadissima fórma de governo. Teria sido essa conquista natural e logica, filha dos progressos da acção democratica, iniciada no paiz com o manifesto republicano de 1870? Basta estudarmos um pouco o depoimento da historia para respondermos pela negativa. Embora bem desenvolvida no Brasil, a aspiração pelo governo republicano não tinha ainda a consagração da vontade nacional, de modo a ficar sancionada a intervenção da força no seu triumpho. A obra dos propagandistas não estava terminada, havendo ainda a'guma coisa a se fazer na evangelisação democratica do nosso povo.

E essa é a verdade, a proposito da proclamação da Republica no Brasil.

Volvamos, porém, a acção da democracia. Ela se fez sentir, incontestavelmente, após o 15 de Novembro, no Congresso Constituinte da Republica, legando-nos a admiravel carta de 24 de Fevereiro de 1891.

E ella precisava continuar a viver para aperfeiçoar os nossos costumes politicos, tornando cada vez mais facil a pratica das actuaes instituições. Infelizmente, porém, a maior desgraça das instituições liberaes, a ausencia de partidos, veio mata-la e infiltrar no novo regimen o virus de todos os males da instituição monarchica. Contribuiu muitissimo para esse effeito ruinoso a indiferença dos monarchistas, ante a queda do throno, com a consequente adhesão dos mesmos ao regimen victorioso. Constituindo a maioria dos politicos militantes que a nação pos-

(1) Conselheiro C. B. Ottoni. «O advento da Republica no Brasil».
pag. 94.

suia, os adhesistas predominaram na direcção da nova ordem de cousas. E, viciados pela politica monarchica que, «por quasi meio seculo demolio caracteres, matou o espirito publico, gerou a descrença, extinguiu a fé nas instituições, preparou o povo para lançar-se finalmente no desconhecido», (1) mantiveram no nosso ambiente politico os mesmos habitos, as mesmas practicas perniciosas do tempo do imperio. (2)

Até os proprios chefes republicanos chegaram a esquecer as lições da democracia que costumavam dar na propaganda republicana, e passaram a praticar, nas altas posições que galgaram, o mesmo ou, talvez, maior poder pessoal que censuravam ao imperador. E assim a acção democratica, mais uma vez, extinguiu-se no Brasil. Ninguem diga que exaggeramos. Ser-nos-ia muito facil a documentação de todas essas afirmações, tão abundantes são as fontes para o estudo da Republica no Brasil e tão característica é a quadra que atravessamos. Descemos tanto no terreno politico, sob a Republica, que, hoje, recordamos com saudades os tempos monarchicos.

Ahi está Ruy Barbosa, para nos dar razão. Ninguem mais do que elle estigmatizou os erros e os vicios da monarchia. Nas suas «Cartas da Inglaterra» chamou a politica de Pedro II de «depauperante, desfibrinante e espoliativa.» E foi elle mesmo quem ha pouco evocou os tempos monarchicos de modo muito desairoso para os nossos dias, com estas palavras pronunciadas num discurso do Senado: «Factos que, em outra época, eram extraordinarios e excepçoes, tornam-se hoje comensurados, quotidianos e ordinarios?... A minha consciencia acha nesses factos um dos documentos mais graves da decadencia em que este regimen se vae extinguindo». Como Ruy Barbosa, quantos outros republicanos illustres poderiamos citar, para, com as suas opiniões sobre o que tem sido o regimen republicano entre nós, mostrarmos, á sociedade, que o espirito democratico desertou da pratica do regimen, cahindo o nosso nivel politico muito abaixo ao da monarchia? Não nos alonguemos, porem, no as-

(1) Conselheiro C. B. Ottoni, «O advento da Republica no Brasil», pag. 115.

(2) Vale a pena ouvirmos Joaquim Nabuco tratar do assumpto na sua «Resposta ás mensagens do Recife e de Nazareth», escripta em 1890. «Destruida a monarchia deve pertencer aos que têm fé na republica dar-lhe as melhores instituições. Organizada por antigos monarchistas, a republica seria uma lei de bancarotta votada pelos fallidos. Todos temos interesse e direito na communhão e os republicanos não conquistaram o paiz para poderem dispôr da fortuna publica como se fosse sua propria. Mas a primeira condição para bem guardar qualquer deposito é o caracter, e eu considero duvidosa entre as provas de caracter a de pretenderem organizar a republica os mesmos homens que se ella tivesse succumbido a 15 de Novembro estariam ao lado dos vencedores.»

sumpto. O nosso trabalho não visa estabelecer parallelos e tirar conclusões contra a Republica. O nosso intuito, muito pelo contrario, é exclusivamente o de chamar a attenção de todos os nossos politicos a favor da tarefa reconstructora que nos incumbem. Precisamos agir de modo a não desmentirmos as tradições democraticas de que está cheio o nosso passado. O regimen republicano precisa ser uma realidade no Brasil, e para construirmos essa realidade precisamos revestir a coragem das attitudes francas e decisivas, olhos postos unicamente na imagem sagrada da patria.

Fallece-nos autoridade para dar conselhos a respeito do que devemos e do que não devemos fazer no terreno do civismo. Que cada um siga a sua inspiração popria, consciente e digna.

Não deixemos, porém, de render o nosso preito de admiração e de hypothecar todo o nosso apoio a esse movimento nacionalista que, ultimamente, vem despertando as nossas energias civicas. E' fraca, ainda, a sua acção. Mas é segura e bem dirigida. Ha de vencer, por força, educando o nosso povo, incutindo civismo em todas as camadas da nossa sociedade. E, então, a democracia será uma consoladora realidade no Brasil, e as nuvens negras desaparecerão do horizonte patrio. E, então, nenhuma reacção perigosa, como essa que fez esboroar a autocracia russa, e que já se annunciou entre nós, ameaçará a ordem estabelecida, a nossa propriedade e os nossos proprios lares. O 15 de Novembro será a maior data da nossa historia, e, ufanos, poderemos bem dizer a obra immortal dos bravos e heroes desse dia.

ENSINO PRIMARIO

Secção organizada pelo prof. A. Proença (Da 13.^a cadeira)

ENSINO PRIMARIO

Grupos de Trabalho de Estudos e Pesquisas (GT-EP)

LIÇÕES INDUCTIVAS

«If the Almighty were in the one hand to offer me Truth and in the other the Search after Truth, I would humbly but firmly choose the Search after Truth.»

(Lessing, in Armstrong's Teaching of Scientific Method.)

I

MEDIA DE NUMEROS

Desenvolvimento de uma regra — Lição para 4.º anno

1). Tenho sete mil reis em uma algibeira e tres mil reis em outra. Que-endo repartir igualmente a quantia pelas duas algibeiras, quanto cabe a cada uma?

Uma pessoa gastou 8\$000 em um dia, 6\$000 no dia seguinte e 10\$000 no terceiro dia. Quanto gastaria em cada dia si a despesa fosse uniforme?

Partiu-se uma barra de ferro em tres pedaços desiguaes. Um dos pedaços pesava 2 kilos, outro 3k,5 e o terceiro 6k5. Quanto pesaria cada um dos pedaços si fossem todos iguaes?

Outros problemas semelhantes.

2). Um operario trabalhou 9 horas em um dia e 7 horas no dia seguinte. Em *media* quantas horas trabalhou por dia? (Escrever a palavra *media* no quadro negro). Qual é a *media* entre 9 e 7?

Para o consumo da população abateram-se hontem 5 bois, antehontem 7 e trásantehontem 6. Qual foi a *media* de bois abatidos nos tres dias? Qual é a *media* dos numeros 5, 7 e 6?

Uma pessoa gasta 3\$000 no primeiro dia da semana, 4\$000 no segundo, 5\$000 no terceiro e assim por diante até o

fim da semana. Quanto gasta em *media* por dia? Qual é a *media* de 3\$000, 4\$000, 5\$000, 6\$000, 7\$000, 8\$000 e 9\$000?

Qual é a *media* dos numeros 8 e 12? 135 e 227? 37, 78 e 44?

3). Como se achou a *media* no primeiro problema? no segundo? no terceiro? etc.

Como se achou a *media* de 12 e 36? de 20, 25 e 45?

4). Como se achou a *media* de dois numeros? de tres numeros? de varios numeros?

5). *Aplicação a:*

a) questões de estatística, á vista de jornaes, livros, revistas, etc.

b) problemas communs, como achar a *media* das notas obtidas pelo alumno, a *media* das idades de um grupo de alumnos da classe, etc.

c) determinação da *media* de numeros abstractos, inteiros e quebrados.

II

UMA LIÇÃO DE PHYSICA (ADAPTADA)

Desenvolvimento de um principio — Lição para 4.º anno

1). Um homem possuía um macaco muito danielho. Não podendo supportar-lhe as travessuras, o homem resolveu mata-lo. Para isso procurou uma pedra bastante pesada que o animal não podia levantar do chão e nem arrastar. Levou então o macaco á praia, prendeu-o á pedra, e assim a narrado o arremessou ás ondas. Certo de que estava livre do animal, já voltava o homem para casa, quando ouviu guinchos atraz de si. Era o macaco, que estava na praia a esforçar-se em vão para acompanhar o seu dono. Cheio de admiração pelo succedido, e já agora penalizado, o homem tornou á praia, soltou o macaco e, de regresso á casa, o deu de presente a um amigo.

Este segundo dono não aturou por muito tempo o macaco e, por coincidência, fez o mesmo que fizera o primeiro. Mais uma vez o animal salvou-se e passou a novo senhor e deste para um quarto e assim successivamente, sendo que todos os donos procediam da mesma maneira que os dois primeiros e obtinham sempre o mesmo resultado.

Poderá ser veridica a historia que se acaba de contar? Seria possivel que o macaco trouxesse a pedra até a beira d'agua? (Discutir o facto com os alumnos até que elles cheguem á conclusão de que a *pedra devia pesar menos na agua que no ar*). Já alguma vez observaram que um corpo fica mais leve dentro

da água? Neste ponto appellar exclusivamente para as experiencias da classe).

2). No segundo passo da lição as crianças verificam o facto experimentalmente.

Uma balança ordinaria, pesos, um arame fino, um balde d'agua, uma pedra, um pedaço de madeira e outro de ferro, eis o material necessario.

Convidado a experimentar por si, um dos meninos, diante da classe, pesa a pedra e toma nota do resultado no quadro negro; em seguida, suspendendo-a pelo arame ao prato da balança, mergulha-a na agua do balde e restabelece o equilibrio. Calculada a differença dos pesos, a classe discute a experiencia.

Outros corpos tambem perderão peso quando mergulhados na agua? (Realizar a experiencia precedente com a madeira e o pedaço de ferro).

E' provavel os alumnos objectarem que o macaco fôra jogado ao mar e as experiencias estão sendo feitas com agua commum. Neste caso convirá repetir as experiencias com agua do mar, si a escola estiver em localidade maritima, ou com agua sufficientemente salgada, si a escola estiver no interior. Os resultados mostrarão que os corpos perdem ainda *mais* peso do que na agua commum.

Como ultima experiencia convirá fazer os alumnos suspenderem por um fio, primeiro no ar e depois na agua, objectos pesados.

3). Que acontece a uma pedra que mergulhamos na agua? A um pedaço de ferro? A um pedaço de madeira?

4). Que acontece a *qualquer* objecto quando o mergulhamos na agua?

A lição seguinte terá por objectivo mostrar que a perda de peso depende do volume do corpo e que o peso perdido equivale ao peso do volume d'agua deslocado pelo objecto.

UMA LIÇÃO DE LINGUAGEM

Exercitamento (Drill) — Para classes inferiores

— A, vá escrever uma palavra no quadro negro. Bem, que foi que você fez?

— Levantei-me, fui ao quadro negro, tomei o giz e escrevi uma palavra.

— B, que é que você faz para escrever uma palavra no quadro negro?

— Levanto-me, vou ao quadro negro, tomo o giz e escrevo a palavra.

— C, que fez A?

- Levantou-se, foi ao quadro negro, etc.
 - D e E, que fazem vocês para escrever uma palavra no quadro negro?
 - Nós nos levantamos, etc.
 - F, que fará você para escrever uma palavra no quadro negro?
 - Eu me levantarei, etc.
 - G, que farão D e E para escreverem uma palavra no quadro negro?
 - Elles se levantarão, etc.
 - H, que faria você si tivesse de escrever uma palavra no quadro negro?
 - Eu me levantaria, etc.
 - I, levante-se, vá ao quadro negro, tome o giz e escreva uma palavra
 - J, que foi que eu disse ao seu collega I?
 - Que se levantasse, etc.
- Este exercicio, que pode apresentar muita variedade, permite o emprego de todas as formas verbaes e é util principalmente nas escolas frequentadas por filhos de estrangeiros.

UMA LIÇÃO DE GEOGRAPHIA LOCAL

Centro de interesse:— O correio

Classe—2.º anno.

Tempo—25 a 30 m.

Fim principal da lição: Interpretação dos carimbos postaes.

Fim secundario: Estimular os alumnos á observação das coisas.

Material: Enveloppes usados, com os respectivos sellos. (Podem-se obter nas casas de commercio).

- Que tenho eu na mão? (Mostrando um envelope).
- Um envelope.
- Novo ou usado?
- Usado.
- Como o sabem?
- Está cortado (ou rasgado), sellado, carimbado, etc.
- Que é que estava neste envelope?
- Uma carta.
- A quem era dirigida a carta?
- (Lendo o sobrescripto)—A F....
- Poder-se-á saber donde veiu?
- ?
- Vejam o que diz o carimbo que está sobre o sello.
- A carta veiu de....

— Que mais nos diz esse carimbo? Não está ali uma data? (Os alumnos lêem a data).— Que significa essa data?

— Que a carta foi posta no correio no dia....

— Muito bem. Vejamos agora em que dia chegou aqui. Examinem o envelope. Não está ali o carimbo do correio desta cidade?

— A carta chegou aqui no dia....

— Quanto tempo levou para chegar aqui?

(Os alumnos dão a resposta).

Distribuindo envelopes á classe :

— Agora cada um de vocês vai dizer donde veio a carta, o dia em foi posta no correio, o dia em que chegou aqui e quanto tempo levou para chegar.

Redacção :

a) de sobrescriptos.

b) da historia de uma carta.

A. PROENÇA

(Da 13.a cadeira)

Professores formados pela Escola Normal de São Carlos

TURMA DE 1919

NOMES	LOGAR DO NASCIMENTO
Maria do Carmo Penido Monteiro	Juiz de Fora
Nair Borba de Almeida	Araraquara
Maria Thereza Fortes	Iguape
Sophia Abbt	São Carlos
Lucrecia Placco	São Carlos
Sebastiana Venancio Martins	Serra Azul
Isaura de Andrade Lopes	São Carlos
Isabel Silveira	Pitangueiras
Angelina De Angelis	São Carlos
Zulmira Correia Leite	Mineiros
Maria Anunciada da Cunha Rodrigues	Jacarehy
Genoveva de Oliveira Pinto	São Carlos
Thereza de Arruda Cruz	São Carlos
Zilda de Barros Machado	Dourado
Maria Dias dos Santos	Cravinhos
Ignês da Silva Coelho	São Carlos
Maria de Lourdes Affonso	Jaboticabal
Maria do Rosario Oliveira Aranha	Rio Claro
Carlota Bossolan	São Carlos
Maria José Leite de Camargo	São Carlos
Monoela Firmiano	Araraquara
Ignês Olivietta Piva	Brotas
Luciola Rodrigues de Mattos	Jacarehy
Mercedes Schettini	São Carlos
Benedicta de Menezes	São Carlos
Adelaide de Oliveira	São Carlos
Anna Rosa Gonçalves	Bocaina
Leopoldina Ponce	São Carlos
Albertina de Arruda Campos	São Carlos
Antonieta de Souza Valle	S. Rita do P. Quatro
Isaura Vayego	São Carlos
Luiza de Arruda Pacheco	São Carlos
Maria Carmen Garoffalo	Araraquara
Elvira Scorsa	São Carlos
Suzana de Oliveira Aranha	Rio Claro
Maria Noronha Nogueira	Ribeirão Preto
Maria Alice de Camargo	Jaboticabal
Benedicta Rocha Falco	Taubaté
Angela de Paula Nogueira	São Carlos
Juniata Sampaio	Limeira

NOMES

LOGAR DO NASCIMENTO

Alzira de Moraes	Arnapolis
Maria Bianchi	Araraquara
Dulce Ferraz Sampaio	Botucatú
Judith Bastos	Porto Feliz
Romilda Damiano	São Carlos
Ida Musegante	Jaboticabal
Maria Aparecida P. de Athayde	S. Rita do P. Quatro
Dinah Noronha Nogueira	Batataes
João Doretto	Dourado
Augusto de Oliveira e Souza	Jahú
Oscar Lindholm de Oliveira	S. Rita do P. Quatro
Aldo Giongo	São Carlos
Demetrio Angrisani	Italia
Adolpho Lima de Mendonça	Casa Branca
Viriato Fernandes Nunes	Descalvado
José Ferraz de Camargo	São Carlos
Euclides de Moura	Dourado
Antonio Fellicano	São Carlos
Frederico Nery	São Carlos
Sylvio Doria	Rio Claro

